



**International Biocentric Foundation
Associação Escola de Biodanza
Rolando Toro do Rio de Janeiro**

De lagarta à borboleta: a Biodanza como ferramenta na construção do educador biocêntrico

**BEATRIZ DE LIMA CÂMARA
SIMONE NUNES MOTTA**

**Monografia apresentada à Associação Escola de
Biodanza Rolando Toro do Rio de Janeiro como
requisito parcial para a obtenção do título de
facilitador de Biodanza.**

Orientadora:

Hedilane Alves Coelho – IBF RJ 9513

Monografia apresentada à Associação Escola de Biodanza Rolando Toro do Rio de Janeiro e aprovada pela comissão julgadora formada pelos didatas:

Orientadora
Hedilane Alves Coelho
Facilitadora Didata International Biocentric Foundation
Registro IBF RJ-9513

Leila Maria Augusta de Almeida
Facilitadora Didata International Biocentric Foundation
Registro IBF RJ- 0565

Visto e Permitido a impressão
Rio de Janeiro,

Andrea Zattar
Diretora da Associação Escola de Biodanza Rolando Toro do Rio de Janeiro
International Biocentric Foundation
Registro IBF RJ- 0132

Danielle Tavares
Diretora da Associação Escola de Biodanza Rolando Toro do Rio de Janeiro
International Biocentric Foundation
Registro IBF RJ-0134

FICHA CATALOGRÁFICA

Câmara, Beatriz de Lima e Motta, Simone Nunes

De lagarta à borboleta: A Biodanza como ferramenta na construção do educador biocêntrico/Beatriz de Lima Câmara e Simone Nunes Motta – Rio de Janeiro, 2015

Monografia (Especialização) – Associação Escola do Rio de Janeiro, 2003.

Orientador: Hedilaine Alves Coelho

1. Educação 2. Educador 3. Construção do educador biocêntrico 4. Educação Biocêntrica I. Hedilaine Alves Coelho (Orient.) II. Associação Escola de Biodanza Rolando Toro do Rio de Janeiro. III. Título.

SUMÁRIO

UM POUCO DE NÓS	09
INTRODUÇÃO	15
1. E POR FALAR EM EDUCAÇÃO...	20
1.1. ROLANDO TORO: O EDUCADOR	24
2. A DANÇA DA VIDA	27
2.2.1. ALGUNS CONCEITOS BÁSICOS EM BIODANZA	29
2.1.1 PRINCÍPIO BIOCÊNTRICO	29
2.1.2. VIVÊNCIA	30
2.1.3. MODELO TEÓRICO	31
2.1.4. LINHAS DE VIVÊNCIA	34
2.1.4.1. VITALIDADE	35
2.1.4.2. SEXUALIDADE	36
2.1.4.3. CRIATIVIDADE	41
2.1.4.4. AFETIVIDADE	43
2.1.4.5. TRANSCENDÊNCIA	44
3. EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA	47
3.1. MÉTODO INTEGRATIVO BIOCÊNTRICO	50
3.2. VIVÊNCIA PEDAGÓGICA BIOCÊNTRICA	52
CONCLUSÃO	59
REFERÊNCIAS	62

AGRADECIMENTOS

Beatriz de Lima Câmara

À Simone, amiga-irmã, que apresentou-me o mundo biodanceiro e com quem hoje divido a alegria de escrever este trabalho. Pela parceria e presença única em minha vida! Meu agradecimento, meu amor e minha amizade!

Aos amigos da escola de Biodanza, em especial à Julia, Nathália e Rui, com nomes escritos em ordem alfabética para não margear dúvidas do grau de importância de cada um neste caminho. Grata pelas trocas emocionais e intelectuais, pela parceria e amizade de vocês!

Aos demais amigos da Biodanza, do grupo regular e da escola, por serem potencializadores do melhor em mim e por todo o carinho e cuidado e em especial ao Otton, por sua sensibilidade e escuta afetiva!

A todos os facilitadores e didatas que me acompanharam neste percurso, pelas oportunidades de crescimento e integração. Em especial à Denisis Trindade, querida amiga, pelo acolhimento, generosidade e amorosidade em todos os momentos da trajetória.

Aos alunos, pais e professores, fontes inspiradoras de muitas inquietações e aprendizados. Aos que, além de tudo, tornaram-se amigos!

A minha família de origem e a que fui adotando pela vida: aos pais, pelo dom da vida que me permitiu hoje aqui estar; aos avós pela inspiração e aconchego, aos irmãos pelo cuidado zeloso e a Socorro Espíndola, tia do coração, por acreditar comigo na realização deste e de muitos outros sonhos!

Simone Nunes Motta

À Bia pela presença! Pela amiga irmã, pelo caminhar na vida juntas!

Aos colegas da escola e aos amigos Otton, Isabela e Solange, por todo aprendizado e pelas vivências, as de dentro e de fora das aulas...

Aos facilitadores da escola, e especialmente a Maria Amélia, Antonio, Denisis e Luciana pelas oportunidades e carinho.

NOSSOS AGRADECIMENTOS

*Beatriz de Lima Câmara
Simone Nunes Motta*

À Rolando Toro, criador deste sistema indispensável para nós, pelas perguntas e inquietações tão similares às nossas e a possibilidade de tentar respondê-las.

À Hedilane Alves Coelho, Hedi, pelo acolhimento pronto e amoroso a este trabalho, pela percepção sábia de nossas questões, pela assertiva e presente orientação. Nosso carinho e nossa gratidão!

À Andrea Zattar e Danielle Tavares, diretoras da Associação Escola do Rio de Janeiro, nosso muito obrigada!

DEDICATÓRIA

Beatriz de Lima Câmara

A Deus, fonte de inspiração e transcendência sempre!

Ao Marcelo, meu amor e companheiro, por entender a importância da Biodanza em minha vida e estar ao meu lado caminhando, sugerindo, amando... No gerúndio mesmo, em movimento, construindo a vida comigo!

Aos meus filhos, Fernanda, Maria Clara e Gabriel, pela honra de ser mãe de cada um, seres tão especiais e por despertarem ainda mais em mim a essência da educadora biocêntrica. A eles, os meus frutos e o meu amor!

DEDICATÓRIA

Simone Nunes Motta

À minha mãe, minha primeira facilitadora, a pessoa com quem aprendi a gostar de Biodanza!

Para arrancar poemas presos – Viviane Mosé

A maioria das doenças que as pessoas têm
 São poemas presos.
 Abscessos, tumores, nódulos, pedras são palavras
 calcificadas,
 Poemas sem vazão.
 Mesmo cravos pretos, espinhas, cabelo encravado.
 Prisão de ventre poderia um dia ter sido poema.
 Mas não.
 Pessoas às vezes adoecem da razão
 De gostar de palavra presa.
 Palavra boa é palavra líquida
 Escorrendo em estado de lágrima
 Lágrima é dor derretida.
 Dor endurecida é tumor.
 Lágrima é alegria derretida.
 Alegria endurecida é tumor.
 Lágrima é raiva derretida.

 Raiva endurecida é tumor.
 Lágrima é pessoa derretida.
 Pessoa endurecida é tumor.
 Tempo endurecido é tumor.
 Tempo derretido é poema
 Você pode arrancar poemas com pinças,
 Buchas vegetais, óleos medicinais.
 Com as pontas dos dedos, com as unhas.
 Você pode arrancar poemas com banhos
 De imersão, com o pente, com uma agulha.
 Com pomada basilicão.
 Alicate de cutículas.
 Com massagens e hidratação.
 Mas não use bisturi quase nunca.
 Em caso de poemas difíceis use a dança.
 A dança é uma forma de amolecer os poemas,
 Endurecidos do corpo.
 Uma forma de soltá-los,
 Das dobras dos dedos dos pés, das vértebras.
 Dos punhos, das axilas, do quadril.
 São os poema cóccix, os poemas virilha.
 Os poema olho, os poema peito.
 Os poema sexo, os poema cílio.
 Atualmente ando gostando de pensamento chão.
 Pensamento chão é poema que nasce do pé.
 É poema de pé no chão.
 Poema de pé no chão é poema de gente normal,
 Gente simples,
 Gente de espírito santo.
 Eu venho do espírito santo
 Eu sou do espírito santo
 Trago a Vitória do espírito santo
 Santo é um espírito capaz de operar milagres
 Sobre si m

Educar os educadores! Mas os primeiros deviam educar-se a si mesmos! E é para eles que escrevo.
Nietzsche

UM POUCO DE NÓS

Beatriz de Lima Câmara

Candanga, de alma carioca, coração nordestino e cidadã da Terra. Pedagoga, psicopedagoga, educadora, mãe, mulher, humana!

Desde o início da minha graduação em pedagogia, trabalho na área de educação visando à constante relação entre teoria e prática. O caminho percorrido perpassa pela atuação em pesquisas, organizações de jornadas em educação especial, a sala de aula propriamente dita até o acompanhamento pedagógico individualizado, projeto que desenvolvo, atualmente, atendendo crianças e adolescentes com as chamadas “dificuldades de aprendizagem” e facilitando uma relação mais saudável e prazerosa com o aprender.

Neste caminho, um pouco antes de conhecer a Biodanza, ingressei no curso de psicopedagogia, na UERJ, objetivando pesquisar e encontrar respostas para algumas indagações que surgiam sobre as dificuldades de aprendizagem encontradas em meus alunos na época. Será que tinham mesmo dificuldades de aprender? Como acontecia esse processo? Qual a relação do educador com o processo de aprendizagem do aluno? Começou, então, a surgir o tema desta monografia.

Nestas investigações e questionamentos sobre a minha prática, fui reelaborando e reconstruindo o meu ser educadora. Muitas dificuldades de aprendizagem passavam pelo viés da “dificuldade” de facilitar o processo de aprendizagem. Não uma questão do aluno. Uma questão do educador. Uma questão minha. Uma questão que urgia mudar.

Ainda como aluna do curso de psicopedagogia, comecei a frequentar grupos regulares de Biodanza.

Fui apresentada a este potente Sistema de reaprendizagem por Simone, querida amiga que conheci dançando, em um grupo de pesquisa sobre danças populares. Trabalhamos juntas e seguimos pela vida, tecendo amizade e sendo, uma na presença da

outra. Uma pedagoga e uma psicóloga com algumas perguntas comuns a cerca do Educador contemporâneo.

Algum tempo depois, ingressei na escola de formação de facilitadores de Biodanza do Rio de Janeiro.

Minha chegada ao curso de formação foi um tanto curiosa e muito intuitiva. Sempre senti, desde os tempos da graduação, que, contraditoriamente, o lugar onde menos se promove educação é dentro da escola. Contraditório uma pedagoga sentir assim. Mas assim sinto! Porque não acredito numa Educação que forme ou molde ninguém. Não acredito numa Educação depositária de saberes e que despotencializa o que é humano e suas relações.

Com esse sentir, cheguei à escola de Biodanza, numa turma acolhedora, em andamento há oito meses, em plena maratona de identidade. Tamanha foi a minha surpresa chegar naquela sala e ver as pessoas sentadas no chão, em almofadas, despojadas e buscando construir conhecimento por uma ordem inversa a já tão conhecida por todos. Pessoas que não precisavam estar formalmente sentadas em cadeiras apertadas, enfileiradas e preocupadíssimas em responder o “certo”. Pessoas que aprendiam não só com a mente mas com cada célula do corpo, incorporando nelas todo o aprendizado vivenciado! Pessoas que abraçavam, que sorriam, que choravam enquanto aprendiam, porque tudo isso fazia parte do aprendizado. E naquele momento eu senti: quero estar aqui!

Desde então, nunca mais fui a mesma! Mergulhei ainda mais em um processo de autoconhecimento, visitando, em cada maratona (nome dado aos encontros mensais do curso de formação de facilitadores numa escola de Biodanza), “lugares” até então por mim desconhecidos. Apropriando-me de potenciais jamais sentidos, tocando meus limites e expandindo-os, fortalecendo as relações de respeito, afeto, amizade e amor. E, cognitivamente, aprendendo muito. Um aprendizado vivencial e, portanto, muito mais concreto e efetivo.

Neste caminho, dancei, senti, questionei, chorei, sorri, desisti, retomei, continuei... Imprimindo sentido a tudo o que eu aprendia!

E agora, aqui estou, na construção desta monografia, cujo tema foi sentido muito antes que eu pudesse imaginar a existência da Biodanza, definida por Rolando Toro, seu criador, como *a poética do encontro humano*. Para mim, a poética de encontrar-se e, a

partir deste lugar, poder facilitar o outro a desenvolver seus potenciais, encontrando-se também.

Eu e Simone resolvemos, então, com a escrita conjunta deste trabalho, buscar responder a estas inquietações nossas, que tanto nos mobilizam. Pensamos ter a contribuir na reflexão e construção de um caminho de integração e descobertas de potenciais, em cada Educador não somente por nossas profissões e áreas de conhecimento, mas e principalmente por nosso “ser e estar” no mundo.

Gratificante encontro que me faz crer, ainda mais, na perfeição da Vida que sempre apresenta os caminhos e as relações necessárias para aprender e construir conhecimento da maneira mais vivencial e orgânica possível! Não foi por acaso que Toro criou, de forma poética, o Princípio Biocêntrico, eixo que norteia todo o Sistema Biodanza e que, ao longo deste trabalho, será visitado e aprofundado.

Simone Nunes Motta

Conheci a Biodanza aos 10 anos de idade. Fiz a primeira aula com Rolando Toro, em 1983 na sala do consultório da minha mãe, que àquela época, juntamente com uma colega de trabalho e de consultório, facilitavam um grupo de Biodanza semanalmente.

Inesquecível para mim foi a imagem de Rolando saltando tão ágil, como um cavalo, naquele grupo para crianças e adolescentes, na demonstração do exercício proposto. O mais marcante foi a sensação maravilhosa de ser estimulada a cavalgar como um animal em plena sala de aula (para nós aquela sala era como qualquer outra sala de aula da escola)!

Os anos se passaram e a Biodanza esteve sempre ali, acompanhando-me de alguma forma.

Quando adolescente voltei a fazer aulas, esporadicamente, com minha mãe, na Bahia quando ia visitá-la e ficava dividida entre a capoeira e a Biodanza.

Mais tarde, aos 23 anos, quão surpresa fiquei ao saber que a terapeuta com quem iniciava psicoterapia, também era facilitadora deste sistema. E essa foi então, a entrada necessária para participar do grupo regular com Maria Amélia em Niterói, e três anos depois, iniciar a formação de facilitadora na Escola de Biodanza.

Nestes dois grupos encontrei o que considero minha segunda família, a que adotei e que me adotou na vida. Ao longo de cada aula, de cada maratona de aprofundamento, a cada olhar, abraços e colos, encontros e despedidas, a cada conflito e a cada desenlace, nossos laços se estreitavam de tal forma, que tornaram-se vínculos permanentes até hoje.

Assim como minha mãe, tornei-me psicóloga, e agora, iniciava também o processo de me tornar facilitadora de Biodanza ao mesmo tempo em que concluía uma formação em Psicoterapia pós-reichiana. Ao começar a atuar com esta linha, percebi cada vez melhor as semelhanças entre o de pensamento de Rolando Toro e W. Reich. Ficou claro o quanto, na prática clínica, era importante e delicado o trabalho com as defesas psíquicas das pessoas e suas correspondências no corpo físico. Era preciso muita sensibilidade, técnica e coragem.

Eu tinha a intuição de que os dois autores tinham objetivos parecidos, mas que utilizavam metodologias um pouco diferentes. Para Reich: *toda rigidez muscular contém a história e o significado da sua origem.* (REICH, W). Enquanto para Toro: dançar na presença do outro é desvelar-se, desnudar-se.

Com o passar do tempo e a partir das vivências de Biodanza estes pensamentos faziam mais sentido ainda pra mim. Eu realmente percebia que a minha história ia sendo contada pelos meus músculos, pela minha dança. Era emocionante... E a teoria fazia, cada vez mais, sentido em mim.

A responsabilidade pertinente a este tipo de trabalho que envolve o corpo do outro, também batia fortemente à minha alma. Mexer com suas peles, suas texturas, seus líquidos, suas emoções, significava ter que perceber os meus entraves. Era preciso companhia e afeto.

E a Biodanza dava-me isto, além do encontro cada vez maior comigo mesma. Assim, fui sentindo o amparo e a confiança necessários para continuar o meu caminho, minha busca como pessoa e como psicoterapeuta.

A atração tanto pela música quanto pelos ritmos sempre foi muito forte na minha vida, e então, paralelamente, passei a freqüentar um grupo de estudos sobre a cultura musical maranhense e seus ritmos de tambores específicos. Reuníamos-nos na casa de uma amiga, em Botafogo para lermos juntos e depois dançávamos ao som dos tambores de crioula.

Neste grupo tive o prazer de ter como parceira de dança de tambor, a pessoa que se tornaria depois, uma grande “amiga-irmã”, e parceira também, na Biodanza. Era a Bia. Dançávamos, nos apresentávamos, e depois passávamos noites conversando sobre diversos assuntos, sobre a vida, música e sobre seu possível papel na Educação. Tínhamos inquietações e questionamentos muito semelhantes.

Eu a convidei para ir conhecer a Biodanza de perto. Ela foi a uma aula e também não largou mais. Iniciou sua formação na turma seguinte à minha e então, agora, nossas trocas perpassavam também pelos aspectos fundamentais desse sistema. Nossas conversas sobre Biodanza e Educação começavam a se aprofundar, a companhia e o afeto, também.

Ela, por sua vez, convidou-me para participar de um projeto de trabalho seu, que envolvia acompanhamento pedagógico, música e terapia com crianças e adolescentes. Discutíamos sobre o trabalho, sobre Educação e Psicologia, nos perguntávamos como poderíamos contribuir para as instituições de ensino, para os Educadores e para o processo de aprendizagem das crianças e adolescentes que encontrávamos, uma vez que sentíamos nosso crescimento à flor da pele.

Bia, educadora e eu, psicóloga, participamos juntas, como alunas ouvintes, no mestrado de Educação da Unirio, de uma disciplina acadêmica sobre Nietzsche e a

Educação para aprofundar e buscar respostas às nossas inquietações. Neste filósofo também encontramos algumas respostas e muitas semelhanças com o pensamento de Toro.

Nossa troca afetiva e intelectual se perpetuou e foi amadurecendo com o tempo. Nossas inquietações nunca se esgotaram, e algumas delas pretendemos compartilhar neste trabalho. Bia e eu. Com muito afeto!

... a crise do paradigma da ciência moderna não constitui um pântano cinzento de ceptismo ou de irracionalismo. É antes o retrato de uma família intelectual numerosa e instável, mas também criativa e fascinante, no momento de se despedir, com alguma dor, dos lugares conceituais, teóricos e epistemológicos, ancestrais e íntimos, mas não mais convincentes e securizantes, uma despedida em busca de uma vida melhor a caminho doutras paragens onde o optimismo seja mais fundado e a racionalidade mais plural e onde finalmente o conhecimento volte a ser uma aventura encantada.

Boaventura de Sousa Santos

INTRODUÇÃO

A crise do modelo de racionalidade científica do paradigma dominante e sinais da emergência de um novo paradigma científico são terreno fértil para repensar e reconstruir o lugar do educador no processo de aprendizagem do aluno e na estimulação de seus potenciais.

Na educação, podemos dizer que o paradigma dominante, em linhas gerais ainda coloca o professor no lugar de detentor do conhecimento, cabendo ao aluno receber e memorizar; desvaloriza o conhecimento trazido pelo aluno de fato como parte do processo de construção; classifica os alunos de acordo com suas notas, médias e desempenho; valoriza as relações impessoais e ainda mantém uma estrutura competitiva de produção.

É neste pulsar entre a crise do modelo de racionalidade e o da especulação do paradigma emergente que o problema a ser investigado nesta pesquisa pode ser inserido: a crise da educação e o lugar do educador contemporâneo. Em que lugar este educador se encontra? Quem ele é? Qual a sua relação com o processo de aprendizagem de seus alunos? Qual a sua relação com seu próprio processo de aprendizagem?

Segundo Boaventura de Souza Santos, vivemos um momento científico em que não podemos, de fato, visualizar projetos concretos de investigação que correspondam inteiramente ao possível paradigma emergente já que estamos numa fase de transição. Divididos e fragmentados não sabemos exatamente em que local da jornada estamos. No entanto, Santos diz, que *a condição epistemológica da ciência repercute-se na condição existencial dos cientistas. Afinal, se todo o conhecimento é autoconhecimento, também todo o desconhecimento é autodesconhecimento.*

Da mesma forma, Toro, ao definir a Biodanza como um *Sistema de reaprendizagem das funções originárias da vida*, nos fala da necessidade urgente de reaprendermos a sermos e a estarmos com o outro.

Desta forma, a relevância da investigação da construção do educador na contemporaneidade, que já vem sendo proposta também por outros recortes e autores, torna-se evidente e urgente.

Quais motivos levam o educador à escolha desta profissão? Por quais motivos também os novos educadores, estudantes dos cursos de formação, buscaram este caminho? Pode um educador que não percebe a sua singularidade, instigar a singularidade de seus alunos na busca de “saberem de si mesmos” auxiliando-os na percepção de sua genialidade e auxiliando-os em escolhas centradas na vida e nas ações que a promovam? Pode alguém que não reconhece seus potenciais genéticos e não os estimula fazer isso pelo outro?

Como exemplo, tomemos a pintura de um desenho por um aluno, em uma sala de aula. Pode um educador que não reconhece em si um potencial criativo enxergar e valorizar o quanto é belo seu aluno explorar as possibilidades de cores para pintar uma árvore que não a verde e a marrom? De fato, só enxergamos o que é possível ver em nós. A partir do momento em que ampliamos e tocamos nossos limites, podemos enxergar a partir de outro lugar, outro ângulo. O ato de educar requer, por definição, a possibilidade de percorrer caminhos novos e perceber de outro lugar. E é, fundamentalmente, um ato amoroso de relação consigo, com o outro e com os ambientes e conteúdos que o cerca.

Para explicar essa colocação, citamos Paulo Freire, tão atual:

Quanto mais analisamos as relações educador-educandos na escola, em qualquer de seus níveis (ou fora dela), parece que mais nos podemos convencer de que estas relações apresentam um caráter especial e marcante – o de serem relações fundamentalmente narradoras, dissertadoras.

Ao narrar os conteúdos, muitos educadores depositam em seus alunos, para eles seres “pacientes e ouvintes”, “páginas em branco”, as informações que julgam fundamentais. Quando estes não entendem, apresentam, então, problemas de

aprendizagem. Daí, diversos encaminhamentos são feitos. De fonoaudiólogas a psicólogas. De neurologistas a psiquiatras.

Não queremos aqui dizer que não seja necessário investigar todas as possíveis causas das dificuldades e que os especialistas de diferentes áreas não auxiliam nesta busca. No entanto, investigar-se enquanto educador é tão importante quanto. De que forma cada educador pode estar contribuindo no processo de dificuldade de aprender do seu aluno? Qual é o lugar do educador neste processo?

Queremos aqui pontuar que somente a partir de um processo vivencial é possível responder às questões acima. A Biodanza, neste ponto, como veremos mais adiante, contribui profundamente.

Para fundamentar sua teoria, Rolando Toro, criador do sistema Biodanza, buscou aportes em distintas áreas do conhecimento e na filosofia, inclusive. Um dos filósofos mais biocêntricos que podemos apontar é Nietzsche.

Em sua concepção educativa, Nietzsche alude à troca e à necessidade de que o mestre instigue o estudante a “ser quem se é”, colocação tomada de Píndaro autor da célebre frase *Homem, torna-te no que és*. Em sua teoria, afirma que o mestre é aquele que instiga a emergência de um gênio, ou seja, do potencial criador e genial de cada indivíduo.

Em outras palavras, Toro diz o mesmo e acredita numa educação genuína, centrada na vida e nas ações que a promovam.

Enquanto educadores, não é possível ser espectadores no ato educativo, pois este não deixa ninguém impune e somente acontece quando há um envolvimento não parcializado com os alunos, quando o educador coloca-se inteiro neste processo como um ser que não apenas pensa mas que principalmente sente e vive, que está com o outro, em relação. Sobre isto, Nietzsche ainda nos diz: *Quero companheiro de viagem e não companheiro de rebanho*. (NIETZSCHE, 2002, p.35)

O crescente aumento das dificuldades de aprendizagem, o crescente fracasso escolar, os diversos encaminhamentos realizados a todo momento nas escolas, a crise do paradigma dominante, são algumas das possíveis justificativas deste estudo no qual se pretende investigar a crise do educador contemporâneo.

Boaventura de Sousa Santos, em sua análise sobre o paradigma dominante:

Daí a também a idéia, hoje partilhada por muitos, de estarmos numa fase de transição. Daí finalmente a

urgência de dar respostas simples a perguntas simples, elementares, inteligíveis. Uma pergunta elementar é uma pergunta que atinge o magma mais profundo da nossa perplexidade individual e coletiva com a transparência técnica de uma fisga. Foram assim às perguntas de Rousseau, terão de ser assim as nossas. Mais do que isso, duzentos e tal anos depois, as nossas perguntas continuam a ser as de Rousseau. Estamos de novo regressados à necessidade de perguntar pelas relações entre ciência e virtude, pelo valor do conhecimento dito ordinário ou vulgar que nós, sujeitos individuais ou coletivos, criamos e usamos para dar sentido às nossas práticas e que a ciência teima em considerar irrelevante, ilusório e falso.

O momento de repensar o lugar do educador contemporâneo, agente da ciência educação, para que tenhamos, a partir deste e de tantos outros significativos estudos, uma ciência da educação que contribua positivamente para o nosso autoconhecimento enquanto educadores que somos e que tenha por objetivo maior a facilitação de seres humanos mais integrados e capazes de chegarem a “ser quem se é”, torna-se urgente.

Obviamente que a descoberta – ou a construção - da própria identidade é tarefa de toda pessoa, em quaisquer condições sócio-econômicas, faixa etária ou classe profissional, entretanto nos interessa aqui, justificadas por nossas perguntas, em dirigir o trabalho para o educador, para que tenhamos educadores que eduquem para além de seu tempo e contra o tempo e que permitam a emergência do gênio que há em si e, como mestres, instiguem o gênio que há em seus alunos, como diria Nietzsche, e para que os educadores acessem seus potenciais genéticos¹, toquem seus limites e os ampliem e, assim, sejam capazes de estimular e facilitar o processo de aprendizagem de seus alunos, como diria Toro.

¹ Potenciais genéticos são as características básicas determinantes de nossa estrutura orgânica e instintual. A potência do material genético celular de cada organismo vivo. Essas características, como o próprio nome diz, podem ou não expressar-se durante a vida, dependendo da qualidade de estimulações transmitidas pelo meio ao organismo.

Escrevemos aos educadores que se inquietam como nós! Àqueles que percebem que é impossível buscar e estimular no outro o que não se percebe em si! Neste trabalho pretendemos apresentar o potente sistema Biodanza a cada educador que assim deseje. E colocá-lo em movimento, fazê-lo dançar pelo mundo, nas escolas, nas vidas de cada um que nos leia!

Sapientia: nenhum poder, um pouco de saber, o máximo de sabor...

Roland Barthes

1. E POR FALAR EM EDUCAÇÃO...

A palavra educação tem significados muito amplos. Está presente em diversos segmentos da sociedade que vão desde a família, núcleo primeiro em que é empregada, até as escolas e demais instituições de ensino. O fato é que educação ocorre o tempo inteiro, em qualquer lugar. É uma ciência propriamente humana e partindo desse pressuposto, todo ser humano é, por natureza, um educador nato.

Existem algumas classificações possíveis para diferenciar e explicar as diferentes instâncias da educação. No caso desta pesquisa, nos pautamos na chamada educação formal, que, por característica, ocorre em períodos regulares, em escolas e universidades. Aquela onde existem professores e alunos, cujo um dos objetivos é o aprendizado cognitivo de conteúdos específicos. Falamos aqui de professores e suas relações.

Existem duas origens etimológicas para a palavra educação, como nos aponta Elisa Gonsalves:

... o sentido da palavra educação tem duas origens: educare (alimentar) e educere (levar para fora). Educare corresponde a criar, alimentar, produzir. Isto significa que educare é oferecer.

Educere representa um ato individual de desenvolvimento de dentro para fora, a iluminação das potencialidades latentes que a pessoa já traz em si. (GONSALVÉS, 2009.p.19)

Existem, portanto, *duas forças em um só movimento* (GONSALVÉS, 2009.p.19). Essas duas forças trabalhando juntas potencializam-se. O mesmo não ocorre separadamente. Enquanto a palavra educare indica um aprendizado relacional onde o

indivíduo depende necessariamente do outro para aprender, educere sugere uma elaboração individual mostrando que o processo de aprendizagem ocorre por um caminho único no interior de cada ser humano.

Sobre isto, Gonsalves ainda nos aponta:

Acolhendo as duas faces da educação – educare e educere- a educação pode ser entendida como um processo de formação humano realizado nas singularidades das trajetórias individuais, a partir das relações estabelecidas com o entorno. (GONSALVÉS, 2009.p.21)

Paulo Freire, autor deveras conhecido por educadores em todo o Brasil e no mundo, há muito também debate sobre a postura do educador e sua influência direta no aprendizado do aluno. Com sua proposta de educação dialógica que também pode ser chamada de **Pedagogia da libertação, Pedagogia da Esperança ou Pedagogia do Oprimido**, nomenclaturas que depois vêm nomear alguns dos livros da obra que nos deixou de presente, propôs uma libertação para os seres humanos através do processo educativo. Em sua concepção era necessário humanizar o ser através da liberdade e da integração com o meio. Uma proposta que já visava ter a vida como centro das decisões.

Na teoria proposta por Freire podemos observar dois pilares de base que lhe deram o caráter libertador: o conhecimento crítico e a conscientização. Um dos autores de grande potencial afetivo que encontramos na história da educação em nosso país.

Em seu lindo poema sobre a escola, Freire nos diz:

Escola é...

o lugar que se faz amigos.

Não se trata só de prédios, salas, quadros,
Programas, horários, conceitos...

Escola é sobretudo, gente

Gente que trabalha, que estuda

Que alegre, se conhece, se estima.

O Diretor é gente,

O coordenador é gente,
 O professor é gente,
 O aluno é gente,
 Cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor
 Na medida em que cada um se comporte
 Como colega, amigo, irmão.
 Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”
 Nada de conviver com as pessoas e depois,
 Descobrir que não tem amizade a ninguém.
 Nada de ser como tijolo que forma a parede, Indiferente, frio, só.

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
 É também criar laços de amizade, É criar ambiente de camaradagem,
 É conviver, é se “amarrar nela”!

Ora é lógico...
 Numa escola assim vai ser fácil! Estudar, trabalhar, crescer,
 Fazer amigos, educar-se, ser feliz.
 É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo.

Escola, lugar onde se pratica educação formal, é lugar de gente! Quão prazeroso é escrever esta afirmação. É, sim, escola é lugar de gente! O educador é gente. O aluno é gente. E ambos têm potencial. Ambos aprendem juntos, em relação – educare. Ambos aprendem individualmente, por caminhos únicos, educere!

Como Freire, Rolando Toro, criador do sistema Biodanza, acreditava que a escola existe para colaborar com o processo de aprender a viver, de aprender a ser feliz. E para ele essa felicidade invade cada parte envolvida no processo educativo, sem pedir licença, quando há espaço, terreno fértil, desejo.

Sobre isto, Elisa Gonsalves, em um resgate sobre o pensamento de Toro, ainda nos diz:

É importante destacar que a felicidade não aparece em um campo minado. Ela invade, sem pedir licença quando há uma possibilidade

de emergir. Isso significa que existe um exercício cotidiano, lento, prazeroso, um exercício de amor, que é um convite para que a felicidade apareça. Sem o exercício cotidiano do amor, é impossível que a felicidade apareça. Costumo dizer que a escola precisa se converter em um lugar para a realização de uma pedagogia do suspiro. (GONSALVES, 2009.p.30)

Nesta pedagogia do suspiro, da descoberta, da curiosidade é necessário, em primeiro lugar que o educador encontre em si motivos para suspirar! Isso fará total diferença!

Outro importante autor que repensou a educação foi Freinet com sua concepção de escola para o povo. Os fundamentos e as linhas de ação de sua pedagogia estão centradas no “homem” com o objetivo maior de “elevá-lo a mais alta dignidade do seu ser”. Freinet pensou numa escola que respeitasse o ser humano e resgatasse a individualidade e a identidade singular de cada um.

Montessori, pedagoga e médica, também desenvolveu um método de aprendizado e uma proposta pedagógica centrada no aluno. Com materiais específicos e salas de aulas organizadas de forma diferente das tradicionais, com grupos de alunos mistos de faixa etária distinta, esta educadora visava facilitar a liberdade de escolha e a construção do conhecimento pela interação e valorização das aptidões individuais.

Podemos enumerar tantos outros educadores que propuseram uma nova visão de educação, com métodos e propostas específicas. Esses que citamos e alguns outros basearam-se não somente na criação do novo método, mas, principalmente, no vínculo afetivo que mantinham com seus alunos, em suas relações.

Sem dúvida alguma, foram também educadores inquietos com o lugar ocupado pela educação e pelos educadores em sua época.

A diferença, no entanto, das propostas de antes é que a Biodanza é uma proposta estritamente vivencial. O diferencial maior é a vivência que nos permite integrar o que antes era puramente racional e transformar em ação a partir de algo sentido e vivenciado. A isto Toro chamou de integração dos três centros humanos: o sentir, o pensar e o agir.

Numa inversão epistemológica não vista antes, a partir de uma concepção biocêntrica, *o conhecimento é percebido como um sentir anterior à conceituação e à elaboração intelectual* (LEMOS, 2007, p.130). Este era o pensamento de Toro!

Sobre esta inversão encontramos ainda nas reflexões de Sanclair Lemos:

O verdadeiro conhecimento, portanto, brota de uma área de silêncio. De outra maneira, estaremos projetando um pré-conceito sobre o momento vivido no presente, e este não revelará o verdadeiro conhecimento. (LEMOS, 2007, p.130)

Para Toro, portanto, o conhecimento é elaborado por uma via diferente da conhecida. Para que seja um conhecimento, de fato real, deve passar pela via do sentir e esta só pode ser acessada e integrada às demais por uma experiência vivencial.

1.1. ROLANDO TORO: O EDUCADOR

Dentre suas múltiplas facetas, Rolando Toro foi antes de tudo um educador. Formou-se professor no ano de 1943 e durante 16 anos lecionou para alunos do ensino fundamental. Desde essa época, antes da criação do sistema Biodanza, Toro percebia nas crianças falta de vínculo com a natureza e o ambiente que as cercavam e buscava promover e estimular tal vínculo.

Dono de uma criatividade sem tamanho, pensava ser a arte um caminho para uma educação mais potente e eficaz, a serviço da vida e da felicidade, como podemos ler a seguir:

La educación debe ser la ciência del hombre, y el mejor camino para conseguirlo es la introducción del niño en el arte, bajo este nuevo concepto desarrollo de su espíritu. (TORO, 2012.p.21)

Nesta época, chegou a organizar com seus alunos o primeiro Festival da Criança de Santiago do Chile. Foi um festival muito divulgado, com grande repercussão na mídia. Rolando virou notícia de jornal. Foi considerado, na época, um educador a frente de seu tempo, que pensava em escolas idealizadas pelas próprias crianças. Pensava numa escola cuja referência maior era a vida.

Sobre a escola, dizia Rolando:

Una escuela es un mundo. Recoge y proyecta las pulsaciones del espíritu y de la sangre. La escuela requiere una estructura particular. Hay que pensar que ella es en sí misma, un potente medio psicológico, un campo inductor activo bajo el cual se despliega sensiblemente la imagen dinámica del niño. El medio escolar debe ser, en esencia, un medio educador. (TORO, 2012.p.37)

Deste educador chileno, que tempos depois torna-se também antropólogo e psicólogo, surge, na década de 60, o sistema Biodanza. No entanto, ao que tudo indica, o desejo maior da Biodanza, a semente inicial, nasceu quase 10 anos antes, no jardim de uma escola, escritos em uma carta de amor à sua então esposa Pilar, como nos mostra Gonsalves:

Minha adorada Pilarcita: por momentos saí pelo pátio a procurar-te, a pensar em ti (...) Aqui a escola está muito vazia. Na próxima segunda-feira chegarão as crianças. Tive a idéia de uma ciência rítmica que ordene musicalmente os movimentos naturais do corpo, sobretudo os atos, de modo que, sob formas nobres e espirituais, distribua o tempo, a intensidade e a força. Algo assim como provocar a musicalidade do ser. (GONSALVES, 2009,.p.15)

Eis que, numa carta de amor, Toro expressa o desejo primeiro em criar a Biodanza. Sistema que nasceu das inquietações de um educador que almejava um mundo com seres humanos mais plenos de si e felizes.

Amo, logo existo!
Rolando Toro

2. A DANÇA DA VIDA

Por definição, Biodanza é um sistema de integração humana, renovação orgânica, reeducação afetiva e reaprendizagem das funções originárias de vida. Sua metodologia consiste em conduzir vivências integradoras por meio da música, do canto, do movimento e de situações de encontro em grupo.

Criada pelo chileno Rolando Toro, na década de 60, mas desejada tempos antes, no pátio de uma escola, como já dito anteriormente, foi desenvolvida a partir do método científico. Assim, a partir da observação e da descrição, passou pelas etapas clássicas da hipótese e da demonstração. O prefixo "Bio" deriva do termo "bios", que significa vida. A palavra "dança" na concepção francesa significa movimento integrado pleno de sentido. A metáfora estava formulada e, em castelhano, surgia a "Biodanza, danza de la vida".

Uma proposta que surge das inquietações de um educador acerca da vida!

Acreditamos ser importante explicar, em linhas gerais, alguns conceitos trazidos nesta definição a fim de clarear ao leitor possíveis dúvidas. Nas palavras de Toro:

A “**integração humana**” é objetivo da Biodanza. Integração do homem consigo mesmo, com o semelhante e com o universo. Um ser humano integrado sente, pensa e age de maneira mais coerente e ética.

Por “**renovação orgânica**” entende-se a ação sobre a auto-regulação orgânica, induzida principalmente mediante a estados especiais de transe, que ativam processos de renovação celular e regulação global das funções biológicas, diminuindo os fatores de desorganização e estresse.

“**Reeducação afetiva**” é a capacidade de estabelecer vínculos com as demais pessoas. Vínculos de amor, amizade, confiança. Vínculos que fortalecem a vida!

Já por “**reaprendizagem das funções originárias de vida**” compreende-se o resgate dos instintos, a natureza em nós. O instinto não é algo aprendido. É, sim, uma função inata a todo e qualquer ser humano. Reaprendê-los significa sentir cada vez mais e tocar mais profundo na sua identidade.

O sistema Biodanza está intimamente relacionado à educação, nos dois sentidos apontados anteriormente. Enquanto educare, aprendizado relacional e educere, aprendizado individual. Trata-se de reaprender a viver, a conviver, a escolher, a entender a si e ao outro. Trata-se de reeducar-se, estabelecendo relações vinculativas, de forma positiva.

Na prática, a aula de Biodanza acontece semanalmente e tem duração média de 2 horas. É dividida em dois momentos. O primeiro, ao que chamamos de intimidade verbal, é o momento onde cada participante pode falar de si e de como se sente a partir do que vivenciou na aula anterior. Nesta etapa aprendemos a usar a palavra de maneira especial e assertiva. Fala-se a partir do coração, do que se sente e em primeira pessoa. Cada um fala de si numa palavra plena de sentido.

O segundo momento da aula é composto por danças, movimentos plenos de sentido, de caráter existencial. Neste caso não é uma dança aprendida. Cada aluno é convidado a movimentar-se respeitando o seu ritmo interno. São danças que nos levam a vivências integradoras. E a vivência, como veremos adiante, é única, pessoal e intransferível. É válido também ressaltar que o método é puramente vivencial. Portanto não se assiste a uma aula de Biodanza. O aluno é convidado a participar da aula, dançando dentro de suas possibilidades.

As danças são realizadas individualmente ou em grupo e este é um facilitador do processo. No grupo encontramos um continente afetivo, ao que chamamos de cuidado, amor, carinho... Vamos construindo-nos humanos, um na presença do outro. No grupo expressamos nossos potenciais de forma mais segura e resgatamos a alegria de viver.

Segundo o próprio Toro:

O grupo de Biodanza é um **bio-gerador**, um centro gerador de vida. A concentração de energia convergente dentro de um grupo produz um potencial maior que a soma de suas partes. Esta energia biológica renovadora compromete a unidade e a harmonia do organismo. É criado, assim, um campo magnético no qual se refletem e se projetam emoções, desejos, sensações físicas de grande intensidade. Produz-se uma percepção mais

essencial de outras pessoas, um modo de identificação novo. (TORO, 2000, p. 03)

Outro aspecto relevante é que o método Biodanza age sobre a saúde humana, sobre os potenciais adormecidos, estimulando-os a despertar progressivamente. Neste sistema não se promove ação sobre a doença e sim sobre o que está saudável, sobre o “fio de saúde” de cada um, mesmo perante a um caos aparente.

A regularidade das aulas mantém um processo progressivo de crescimento e desenvolvimento humano. As músicas e exercícios utilizados em Biodanza são especialmente selecionados e desencadeiam movimentos de acordo com a proposta de cada aula.

As pessoas, com suas questões, aprendem a regular seu ritmo orgânico e passam a fluir melhor na vida e costumam reorganizar seu estilo de viver. A Biodanza é uma nova proposta de reeducação, em que o cuidado com o ser acontece na sua totalidade, em verdade e beleza para o seu desenvolvimento interior pleno.

2.1. ALGUNS CONCEITOS BÁSICOS EM BIODANZA

2.1.1 PRINCÍPIO BIOCÊNTRICO

Este é o princípio norteador do sistema Biodanza. É a partir dele que todas as ações em Biodanza são tomadas. Em Gonsalves, temos uma boa definição:

O Princípio Biocêntrico põe sua prioridade absoluta nas ações que permitem a conservação e a evolução da vida, estimulando a expressão dos instintos e o desenvolvimento afetivo através das protovivências e vivências integradoras. (GONSALVES, 2009, p.27)

Em contrapartida a uma visão cultural predominantemente do ocidente, mecanicista e antropocêntrica, que coloca o homem como centro de referência do mundo que o cerca,

em que tudo que está a sua volta é secundário, subserviente ao homem, que é peça fundamental, Toro criou o Princípio Biocêntrico para basear toda a sua teoria. Nas palavras de Toro:

O Princípio Biocêntrico, que foi formulado por mim, em 1970, se inspira no pensamento de que o universo está organizado em função da vida. Isto significa que a vida é uma condição essencial na gênese do universo. A vida seria, nesta abordagem, uma força que conduz, através de milhões de anos, a evolução do cosmos. (GONSALVES, 2009, p.11)

A visão deste princípio tenta desconstruir qualquer tipo de hierarquia ou dicotomia entre homem, natureza e cultura. De forma simples ele devolve à vida o seu lugar. O “lugar comum” a tudo o que se possa pensar ou experimentar. O homem, então, passa a ser consequência de uma circunstância vital, do que a vida fez ou faz dele. Quaisquer grandes sistemas de pensamento tais como a sociologia, a psicologia, a psiquiatria ou a biologia, podem assumir vieses estáticos, absolutos, o que retiraria deles sua principal função, a de pensar a vida, a de potencializá-la.

De forma instintiva e sábia, Rolando Toro, baseando-se em diversos autores, entre eles, S. Freud, W. Reich e F. Nietzsche que conjugavam das mesmas ressalvas, sugeriu e afirmou a vida como centro do universo. A vida acontece no universo e, concomitantemente, o constrói.

2.1.2. VIVÊNCIA

Outro conceito fundamental para o sistema Biodanza é o de vivência. Isto porque, como já dito antes, é uma proposta totalmente vivencial de reaprendizagem das funções originárias da vida e de reeducação afetiva.

Wilhelm Dilthey, filósofo e psicólogo alemão, para o qual o conhecimento se dá a partir do interior do homem e de sua experiência psicológica, imediata e vivida na

realidade concreta e viva (Wilhelm Dilthey, 1833-1911), foi o primeiro a descrever o termo vivência como “*algo revelado no complexo anímico dado na experiência interna de um modo de existir a realidade para um certo sujeito*”.

Rolando definiu, então, suas características essenciais e apresentou como método, nas sessões de Biodanza, a priorização de promover vivências que fossem integradoras dos esquemas de pensar, de sentir e agir humanos, como uma forma de associação da integração psicofísica, estilo de vida e expressão da identidade no mundo.

Segundo sua definição, vivência é “*a experiência vivida com grande intensidade por um indivíduo em um lapso de tempo aqui-agora (‘gênese atual’) abarcando as funções emocionais, cenestésicas e orgânicas*” (Toro, 1968).

Através de cada vivência, sempre única em Biodanza, é ativado o sistema integrador-adaptativo-límbico-hipotalâmico em cada um, o que nos faz mais autorregulados² em nossas funções orgânicas. Este sistema, nos seres humanos, está relacionado aos aspectos instintivos emocionais e afetivos, regulam-nos a saúde e elevam-nos o ímpeto vital. E quando conseguimos recuperar os traços de saúde, também recuperamos a tranquilidade e a alegria, em um profundo processo de transformação vital. Essa transformação ocorre gradualmente, seguindo as possibilidades e tempo de cada um, e por meio do que Rolando chamou da arte do encontro, como o processo de desvelar-se para o outro, de reconhecimento do outro, de descobrir-se com o outro.

2.1.3. MODELO TEÓRICO

Se Rolando colocou a vida como centro condutor de seu sistema de pensamento, por este princípio norteador, o modelo teórico que rege o sistema Biodanza só poderia ser dinâmico como a vida e remeter-se à sua potência e ao seu dinamismo.

¹ Influenciados pelos ritmos acelerados em que vivemos na sociedade contemporânea, de valores capitalistas e utilitários, é comum que as pessoas cheguem para as aulas de Biodanza com seus ritmos biológicos e emocionais muito acelerados. E muitas vezes, já com sintomas, conseqüentes destes ritmos descompensados pelos modos de vida desvitalizantes.

Mas no decorrer do processo, a cada aula de Biodanza, através de vivências criteriosamente planejadas, que estimulam, alternada e progressivamente, o sistema simpático (adrenérgico) e o parassimpático (límbico-hipotalâmico), o organismo passa por uma espécie de diluição desta superexcitação. O corpo é capaz de retomar novamente sua própria sabedoria, de forma que suas funções fisiológicas e reguladoras de hormônios, por exemplo, sejam restabelecidas. Acontece uma reorganização psicofisiológica do organismo e as pessoas passam a experimentar um processo de encontrar-se com seus próprios ritmos internos. Este mecanismo Toro chamou de Autorregulação. Este conceito é muito utilizado nas aulas de Biodanza, sugerindo sempre que cada aluno faça os exercícios propostos na medida em que conseguem, em um ritmo orgânico.

A criação de um modelo teórico facilitou o entendimento de alguns pilares importantes em Biodanza e permitiu sua sistematização, deu unidade ao que, às vezes, poderia parecer impreciso. Porém, um modelo em Biodanza não poderia ser estático, só poderia ser uma linha de orientação que pudesse se transformar ao longo do tempo. E é o que acontece. Desde os anos 60, até sua última alteração, em 2008, alguns pilares foram reformulados.

Para Toro era um sistema semiaberto – um sistema que poderia receber acréscimos e sofrer alterações, de acordo com as necessidades e conjuntura contemporânea.

Em suas primeiras formas de enunciação como modelo, Rolando partiu de sua experiência com pacientes psiquiátricos, para os quais apresentava músicas euforizantes e músicas regressivas, e a partir das quais foi observando suas variadas expressões e resultados. As músicas euforizantes resultavam em respostas do sistema nervoso simpático-adrenérgico dos pacientes e as músicas mais lentas, que sugeriam regressão, estimulavam respostas do sistema nervoso parassimpático-colinérgico.

A partir dessas observações, Rolando “desenhou” o que seria o primeiro eixo fundamental do modelo teórico em Biodanza. Sugeriu um “eixo horizontal” que pulsasse entre dois pólos, comportando um deles a percepção da identidade, através da maior consciência corporal e emocional, e o outro, a capacidade de dissolução em si mesmo, de regressão ao mundo sensorial, através da dissolução dos limites corporais.

Com o tempo, Rolando pôde perceber que os dois eixos não só se tocam, como se complementam, fazem parte de nossas experiências na vida, como um todo. Um retroalimentando o outro de forma dinâmica e sensível, da Regressão à Identidade, e vice-versa. Mais tarde, o pólo da Identidade passou a denominar-se “Consciência intensificada de si e do mundo”, o que ressaltou o aspecto coletivo, social, uma vez que a consciência de si mesmo como ser humano acontece em sua relação com a humanidade.

O modelo teórico abarca como subunidades de sua unidade maior os seguintes pilares fundamentais: o **movimento** provocado pela **música** e pela **dança**; o **contato afetivo** e a conexão íntima consigo mesmo, com o outro e com o grupo, através de uma **comunicação não-verbal**; as situações de **encontros** que partem da emoção vivenciada na relação com o(s) outro(s); a **expressão da emoção** suscitada pela **vivência** – termo este que se refere a uma experiência vivida em um espaço de tempo sempre presente e único.

Inseridos no modelo teórico, destacaremos quatro pontos considerados de suma importância para este trabalho, aos quais Toro denominou de **potenciais genéticos**, **protovivências**, **ecofatores** e as **linhas de vivência**.

Potenciais genéticos, como já descritos antes, são as características básicas determinantes de nossa estrutura orgânica e instintual. A potência do material genético celular de cada organismo vivo. Essas características, como o próprio nome diz, podem ou não expressar-se durante a vida, dependendo para tal, de uma estimulação adequada, a qual chamamos de ecofatores.

Portanto os **ecofatores** são fatores externos ao indivíduo que interferem no seu desenvolvimento. Podem ser positivos e negativos e influenciam o desenvolvimento pessoal no nível orgânico, funcional e psíquico do indivíduo.

O conceito de **protovivências** foi criado por Toro para descrever as primeiras vivências experimentadas pelo bebê, nos primeiros meses de vida, e ressaltar sua importante ligação com as linhas de vivência, principalmente porque acontecem em um momento onde a experiência é totalmente pautada no mundo sensorial. Dependendo de como tenham ocorrido estas primeiras experiências, em qual contexto afetivo e com qual carga energética emocional envolvida, deixarão marcas que se traduzirão mais tarde em lembranças, ou não, através dos registros de satisfação e de frustração suscitados. Das marcas sutis às mais fortes, o corpo e o psiquismo não escapam.

A psicanalista Ivanise Fontes, em seu livro “Psicanálise do Sensível”, cita Freud para falar sobre memória corporal. (FONTES, I. 2010. p 16)

Freud, em seu artigo sobre as lembranças encobridoras (1899), nos diz: “*Não se discute o fato de que as experiências dos primeiros anos de nossa infância deixaram marcas indelévels nas profundezas de nossas mentes. Entretanto, se procuramos averiguar em nossas lembranças quais foram destinadas a nos influenciar até o fim da vida, o resultado é: ou absolutamente nada ou um número relativamente pequeno de recordações isoladas, que são frequentemente de importância duvidosa ou enigmática*”. E acrescenta: “*O enigmático reside no fato de que estamos sob o jugo ou sob o efeito, durante toda a nossa vida, dessas impressões precoces. Esse efeito é o infantil que perdura em cada indivíduo. E o que nos deixa perplexos é que essas impressões de infância, as mais poderosas e soberanas pela vida inteira, não têm necessidade de deixar atrás de si uma imagem mnemônica*” (FREUD, S. 1973, p.113-132).

Ligadas às respectivas linhas de vivências, organizadoras das aulas de Biodanza, temos as seguintes protovivências:

- a. Protovivência de **Vitalidade** que nos remete às funções de movimento, movimentos de atividade e repouso;
- b. Protovivência de **Sexualidade** que se refere aos contatos físicos e à sensação de prazer proveniente da carícia afetiva envolvida nos cuidados com o bebê;
- c. Protovivência de **Criatividade** que remete ao instinto exploratório, de curiosidade. Envolve a capacidade de mudanças de posição diante dos estímulos do mundo e a capacidade expressiva das emoções;
- d. Protovivência de **Afetividade** que se refere aos cuidados com a nutrição, com o ato de amamentar o bebê, ao olhar afetuoso dirigido pela mãe ao filho, de continente afetivo correspondente às demandas do bebê;
- e. Protovivência de **Transcendência** que corresponde à situação sensorial de plenitude, de harmonia com o meio ambiente físico e emocional que cerca o bebê.

2.1.4. LINHAS DE VIVÊNCIA

Toro chamou de Linhas de Vivência as funções fundamentais inerentes a todo ser humano, através das quais os potenciais genéticos serão estimulados e se expressarão. Todos os exercícios em Biodanza estimulam estas cinco funções, o que não ocorre isoladamente, visto que os potenciais humanos se entrelaçam numa complexidade.

As chamadas linhas são: vitalidade, sexualidade, criatividade, afetividade e transcendência. Abaixo veremos cada linha separadamente lembrando que são permeáveis e uma potencializa a outra.

Assim como em educação o conhecimento construído não se dá isoladamente, na proposta de reeducação da Biodanza, os potenciais genéticos, expressos nas linhas de vivência, também não.

2.1.4.1. VITALIDADE

Através desta linha de vivência Toro propôs o resgate do que é central em sua teoria, o resgate do potencial de vida que há em todos os seres humanos. A vida como vontade, como ímpeto de viver, como desejo de realização no mundo. As vivências que provocam este tipo de emoção se originam de movimentos simples, como por exemplo, um caminhar, um salto sinérgico ou uma brincadeira de roda. Mas estimulam sempre a atividade no sentido do primitivo em nós, trazem o movimento espontâneo e saudável de vitalidade. Nelas o humor endógeno é autorregulado novamente e somos capazes de sentir os batimentos cardíacos acelerados e o suor escorrendo, o que indica a mais clara expressão da energia corporal em movimento.

Além disso, esta linha também resgata o contraponto do movimento que é o repouso, o descanso. Em uma sociedade efêmera, onde a rapidez é exigida, onde “tempo é dinheiro” é preciso desacelerar, descansar, repousar... Restabelecer seu ritmo natural e orgânico.

Nas aulas de Biodanza, é possível trabalharmos a pulsação orgânica entre os pólos de atividade e o do relaxamento. Ativa-se o sistema nervoso simpático e o parassimpático, através de músicas rítmicas e melódicas, de maneira alternada e progressiva, fazendo com que a pessoa perceba sua própria pulsação rítmica interna, de que forma seu corpo e funções fisiológicas se auto-regulam.

A percepção e consciência desta pulsação são de fundamental importância para os educadores. Sentir e respeitar seu ritmo interno implica poder assimilar, amadurecer e expressar suas idéias de forma mais orgânica, funcional. É dar o tempo de “plantar” e o tempo de “colher”, ou expressar conhecimento. É no descanso e no silêncio, muitas vezes, que brota o conhecimento. A partir de um sentir já construído e que pode, então, ser expresso com propriedade e clareza. Uma oportunidade de resgatarmos em si algum desejo de realização adormecido, de poderem facilitar o processo de seus alunos neste mesmo aspecto.

Igualmente fundamental, é perceber e respeitar os variados ritmos dos alunos na caminhada que compartilham ao longo da vida, por exemplo, no que se refere à reflexão e construção de conhecimentos, sobre seu tempo de descansar e seu tempo de produzir. No que se refere às experiências e atividades que propõem em sala de aula, que elas também possam abrigar esta entonação pulsátil entre ativação e repouso, construção e

desconstrução, expansão e recolhimento, devolvendo a organicidade ao processo de conhecer as coisas, de apreendê-las, de relacionar-se com elas, de viver.

2.1.4.2. SEXUALIDADE

Para Toro, a sexualidade e a vida estão intrinsecamente ligadas e não podem ser desconectadas. Esta linha de vivência visa primordialmente entrar em contato com o prazer de viver. Isto significa pensar a sexualidade em seu sentido amplo entendido por todos até os mínimos detalhes: o prazer de tomar banho, de caminhar, de trabalhar no que se gosta, de estar com o outro em relação. Este prazer precisa ser resgatado nas salas de aula, nas relações dentro da escola, nas brincadeiras, na preparação das aulas... No sentimento de satisfação ao perceber a importância de seu trabalho, na percepção das potencialidades de cada um.

Nietzsche, filósofo que muito pensou sobre educação e no qual Toro também se inspirou, através de Zarathustra, fala aos que desprezam o corpo:

Por detrás dos teus pensamentos e sentimentos, meu irmão, há um senhor mais poderoso, um guia desconhecido. Chama-se “eu sou”. Havia no teu corpo; é o teu corpo. Há mais razão no teu corpo do que na tua melhor sabedoria. E quem sabe para que necessitará o teu corpo precisamente da tua melhor sabedoria? (NIETZSCHE, 2005, p.41)

Mal educados por uma moral sexual repressiva, nossa sociedade sofreu muito e ainda sofre de suas consequências. Pela super estimulação de uma pornografia desenfreada ou por preceitos religiosos castradores, a sociedade foi se desenvolvendo de uma forma muito reprimida no que se refere à capacidade de ter prazer na vida e pela vida. Doenças da atualidade como depressão, ansiedade e medo extremo se baseiam nestas raízes da repressão, pois a lógica repressiva não ocupa somente o espaço pessoal (e talvez seja este o último a ser tomado), invade todos os âmbitos da vida. Tem início pelo social e econômico

e se alastra por vários outros, como por exemplo, o da medicina, o político e o da pedagogia.

Reich faz referência a Malinowski, etnólogo que viveu por anos nas ilhas Trobriand na Melanésia e estudou profundamente a vida sexual de algumas de suas tribos primitivas, para demonstrar, por fatos reais, como poderíamos levar nossa educação e vida sexual mais saudável. Demonstra como nestas tribos a organização da vida sexual é regulada pelos impulsos sexuais e não por normas morais. Malinowski descreve em detalhes como a liberdade e a independência atravessam as experiências sexuais dos primitivos, desde a infância até a vida adulta, passando pela adolescência com especificidades tão distintas das nossas. Em suas palavras:

Meninos e meninas têm múltiplas ocasiões de se informar com os seus camaradas sobre matéria erótica. As crianças iniciam-se umas com as outras nos mistérios da vida sexual e isso de uma maneira direta e prática, e desde a mais tenra idade. Elas sabem o que é a vida amorosa, muito antes de serem realmente capazes de realizar o ato sexual. Entregam-se a jogos e distrações que lhes permitem satisfazer a sua curiosidade no que diz respeito ao aspecto e à função dos órgãos genitais, e com isso obtêm, parece, um certo prazer. (REICH, 1932, p. 5-6)

Ressaltamos a passagem em que as crianças não são impedidas de brincar em jogos de conhecimento de seu próprio corpo e do corpo do outro. Com a naturalidade destas brincadeiras e a complacência dos adultos, elas vão se descobrindo, exprimindo e afirmando sua natureza e identidade para os outros.

É notório o contraste com o estilo de vida de nossa cultura assolada pela moral sexual repressiva. Até aí não há nada tão diferente das práticas de nossas crianças, o fato das crianças da tribo brincarem e praticarem jogos sexuais, as nossas também o fazem. Porém, o que ele ressalta é:

A importância das atitudes dos educadores e pais diante destes jogos sexuais. A atitude dos educadores e dos pais determina afinal o valor dessas atividades sexuais do ponto de vista da economia sexual (...) Visto sob o ângulo biológico da função sexual, essa atitude é decididamente positiva para o jogo dos mecanismos de prazer; é o contexto social que determina se essa atitude originariamente positiva é mantida ou se cede lugar aos sentimentos de culpabilidade e à angústia sexual que a sociedade introduz na vida sexual de diversas maneiras. (REICH, 1932. p.7)

No ambiente escolar, o que vemos, comumente, são atitudes de coibição a qualquer tipo de brincadeira ou a aproximação física que suscite qualquer conotação sexual entre as crianças, como por exemplo, pedir que as meninas sentem de pernas fechadas para que escondam os órgãos genitais femininos, estes já ocultos pela roupa, e impedir que meninos e meninas tomem banho no mesmo banheiro ou que vão ao banheiro sozinhos; da expressão de repreensão, verbal ou não-verbal, dos adultos diante da curiosidade das crianças sobre o funcionamento de seus corpos e diante dos impulsos eróticos que dirigem umas às outras em função de suas descobertas. tensão que gera nos educadores esta naturalidade do contato entre as crianças,

Frutos do temor de seus próprios impulsos e potenciais para o prazer, estas atitudes são resultado da tensão gerada entre medo e a naturalidade do contato entre as crianças. São, também, razoavelmente amparadas por justificativas teóricas de práticas médicas, higiênicas e pedagógicas predominantes, mas que por fim negam, anulam as funções sexuais da criança, em sua natureza mais própria, preparando-as assim, *com êxito*, para a sociedade repressiva e reprimida.

Nas palavras de Reich, o homem foi impedido de perceber ou compreender seu próprio núcleo vivo, precisou mantê-lo isolado e inacessível se quisesse manter sua organização social.

A grande infelicidade em que se encontra enredado deve-se ao seu encouraçamento, que o separa de suas grandes possibilidades bioenergéticas”. “Seu encouraçamento biofísico explica a fuga de si mesmo e o afastamento em relação às questões mais fundamentais de sua vida, como sua religião, sua filosofia natural e sua busca de conhecimento sobre a natureza” (REICH, 2003, p.199).

Em nossa sociedade atual, assolados pelo medo, pela ansiedade e pela depressão os indivíduos passam a ter a respiração comprometida, mais curta, a pele mais fria, a textura mais áspera, as feições mais enrijecidas e o olhar mais opaco. Perdem vida. Perdem a capacidade de se lançarem em direção aos seus objetivos, muitas vezes não sabem o que querem alcançar, perdem a capacidade de vontade, de desejo, em outras palavras, de se excitarem com a vida.

Ao propor o tratamento das neuroses tendo como ponto de partida o corpo e a impotência orgástica, Reich está em plena consonância com o que propôs Toro com esta linha de vivência, ao desejar e trabalhar ativamente para a reconquista da capacidade de sentir prazer dos seres humanos.

Além disso, ao afirmar que seria possível ressuscitar e fecundar os aspectos da vida humana através de sua proposta de trabalho sobre a economia sexual, o autor afirma que “*o processo vital e o processo sexual são um só e mesmo processo, não é preciso dizer que a energia vegetativa e sexual é ativa em tudo quanto vive*”. (REICH, 1995, p105). Assim o faz Rolando Toro, também, quando aborda o conceito de Eros indiferenciado. Ele associa-o às fontes de prazer e ressalta sua grande força por causa das funções reguladoras que atuam no organismo.

Nas palavras de Toro:

Cada vez que se produz uma afinidade biológica entre duas pessoas, se inicia um processo de reforço da conexão, cuja função é intensificar o processo vital em cada um dos organismos. Quando falamos de eros

indiferenciado³, nos referimos, portanto, a uma espécie de tropismo essencial entre os organismos, cujo significado é reciclar processos vitais por complementação e retroalimentação. O eros indiferenciado envolve o organismo em sua totalidade, alcançando principalmente os mecanismos reguladores e a homeostase. (TORO, IBF Sexualidade, p9)

Acompanhar as pessoas nessa libertação da condição de miséria sexual em que se encontram e propor situações que despertem a sensibilidade para sentir prazer nas mínimas e grandiosas coisas da vida, a percepção daquilo que lhes dá prazer e a capacidade de senti-lo, são alguns dos nossos objetivos a partir deste trabalho e nas aulas de Biodanza. É proporcionar um ambiente confortável e acolhedor para que o ego possa estar plenamente absorto na sensação de prazer. É um dos maiores aprendizados através da experiência em Biodanza: resgatar o prazer de viver!

O prazer de dançar é a primeira porta que se abre em Biodanza, aprender a escutar a música em estado regressivo, ganhar consciência dos simples prazeres cotidianos e desenvolver todas as possibilidades de erotismo são outros desafios propostos por Rolando, através da busca do prazer no movimentar-se, de forma lenta e progressiva, alcançando um nível de integração corporal e psíquica.

Podemos citar alguns possíveis efeitos sobre a sexualidade a partir das vivências nas aulas de Biodanza: a perda do medo do contato e a superação de inibições e preconceitos; a expressão afetiva e erótica se torna mais espontânea e sincera; ter maior capacidade de fazer vínculos afetivos e estabelecer intimidade; reconhecer o próprio corpo como fonte de prazer e proporcionar prazer devido à fluidez e *feedback* aprendidos; encontrar-se com a própria identidade sexual e tornar-se mais abertos às experiências eróticas.

³ Eros Indiferenciado é uma força vital de coesão, de atração que acontece em nível grupal de forma recíproca, entre pessoas que se aproximam e se distanciam indiscriminadamente, a partir de um de fluxo energético intenso entre elas. Através de afinidades biológicas há uma espécie de seleção espontânea entre os organismos envolvidos e essa conexão proporciona a auto-regulação, o fortalecimento do processo vital de cada organismo em uma retroalimentação entre eles.

2.1.4.3. CRIATIVIDADE

O início de tudo foi criação, foi necessário força, ímpeto, destruição e luz. Como seres vivos, partes do universo e natureza, somos criatura e criador ao mesmo tempo. A função criativa em Biodanza não se refere à produção de obras de arte, (pode até ser!), mas, sim, à expressão da própria existência como obra de arte. É celebrar a vida como obra divina e sentir-se como uma extensão dessa obra, sendo capaz, através do potencial criativo, de superar obstáculos e reinventar novos modos de estar no mundo.

Segundo Toro:

O ato criador por excelência é parir-se a si mesmo. Originalmente refere-se a “poyesis”, parteiro, trabalho de dar à luz. Dentro dessa perspectiva, o criativo tem semelhança com a semelhança mais profunda com o gênio da vida: a auto-poiesis, (- TORO, 2006, p.72)

Através da brincadeira e da alegria é possível expressar o que era só da ordem da fantasia, do devaneio. Passa-se à concretização do ato criativo, proporcionando um processo de desinibição e contato íntimo com sua criança interior, uma imensa sensação de prazer. E ninguém mais criativo do que uma criança! Quando adultos não somos mais autorizados a viver o lúdico e é como se não existisse mais em nós essa criança. Ledo engano! É ela quem cria novas possibilidades, através do movimento espontâneo e alegre e afirma seu modo de ser no mundo.

O ato de criar é ter o poder de gerar, fazer germinar e permitir florescer. É um ato fecundo no sentido que gera mais vida, num fluxo constante. E para que isso ocorra é essencial a entrega sem ressalvas à existência. Sentir-se vivo plenamente é experimentar a abundância, é ser rico e deixar nascer a criação, dos próprios gestos, da própria vida e da sociedade em que vive.

Para Toro somos seres de abundância e não de escassez. Portanto seres com grande potencial de criar e gerar mais vida. Seres criadores!

Em Nietzsche também encontramos uma boa definição sobre o ato de criar:

Criar é a grande emancipação da dor e do alívio da vida; mas para o criador existir são necessárias muitas dores e transformações. Sim, criadores, é mister que haja na vossa vida muitas mortes amargas. Sereis assim os defensores e justificadores de tudo o que é perecível. Para o criador ser o filho que renasce, é preciso que queira ser a mãe com as dores de mãe. (NIETZSCHE, Assim Falou Zaratustra, 2005, p.76)

Construir conhecimento implica também a desconstrução do mesmo. É neste processo de construção e desconstrução, do caos à ordem, que podemos expressar com intensidade nosso potencial criativo.

Relacionando-se esta linha de vivência ao educador, encontramos aí a possibilidade de estimulação da abertura dos canais de expressão nas crianças e adolescentes com que lidam. Estimular a criatividade de cada um é não só oferecer estímulos, como também poder recebê-lo integralmente, é acatar qualquer endereçamento de sua expressão, seja pela fala, pela música, pelo grito, pelos gestos, pela escrita, ou desenhos, inclusive aqueles vistos socialmente como negativos, como por exemplo, os de agressividade, de raiva ou medo. Dessa forma, o educador amplia as possibilidades de comunicação com os alunos, a troca afetiva e o estabelecimento de vínculos de amizade entre ele e os alunos, bem como entre os próprios alunos. É dando espaço para a expressividade do ser que ele cresce, se desenvolve.

Criar é doação de sua expressão, é dar sem querer nada em troca. É dar espaço e permissão, é dar voz, e movimento.

Em contato com sua potência criadora e expressiva, o educador tem a possibilidade de facilitar novos modos de trocar, de se relacionar, proporcionar novas perspectivas, facilitar novos caminhos vivenciais ao processo de aprendizagem de seus alunos.

2.1.4.4. AFETIVIDADE

Afetamo-nos positivamente ou negativamente, a cada instante, pelas pessoas, circunstâncias, condições climáticas e pela cultura e a forma como reagimos a este afetar é influenciada pelos ecofatores e pelos potenciais genéticos.

Segundo Toro *a afetividade é a expressão da identidade* (TORO, 2008, p.32) e ainda *um estado de afinidade profunda entre pessoas, capaz de produzir sentimentos de amor, amizade, altruísmo, maternidade, paternidade e companheirismo.*(TORO, 1991, p.29).

Na Biodanza, através das linhas de vivência, são propostas situações que ampliem a capacidade para vincularmo-nos ao outro e reconhecerno-nos no outro. Através de ecofatores positivos são estimulados movimentos e expressões como, por exemplo, um encontro de olhares, um abraço ou um acariciamento de mãos, e, então, somos tocados não só pelas pele, pelo toque, pelos olhares, pelos líquidos, como também tocamos e adentramos a esfera emocional do outro e passamos a fazer parte de seu mundo, minimamente de uma parte.

E o recebemos, também, em nosso mundo.

Esta troca só é possível se nos abirmos para aceitar as diferenças que há entre nós, quando afirmamos o que somos e o que é o outro, em sua alteridade e singularidade.

Numa relação educador-educando esta troca é fundamental. Aceitar verdadeiramente as diferenças, perceber que cada aluno é único e tem o seu próprio caminho para aprender, autorizar este aluno a vincular-se consigo na busca de um aprendizado mais vivo só será possível se o educador puder abrir-se ao contato afetivo consigo e com seus educandos. Um educador somente respeitará o caminho de cada aluno a partir do momento que respeitar o próprio caminho que faz ao aprender.

Poder restabelecer a conexão com as raízes da natureza, com a força nutritiva da terra, nos alimenta e nos torna ricos de afetos, de desejo de coesão, de espírito gregário, de solidariedade. Permitir-nos deixar afetar pela força das raízes nutritivas da vida, da emoção de alegria e de prazer nos deixa mais equilibrados e ternos.

Gonsalves nos diz que *nascemos com o potencial genético da afetividade e ela tem a sua expressão maior no amor.* (GONSALVES, 2009, p.51) E complementa dizendo que *o fortalecimento da identidade das pessoas é o caminho para o desenvolvimento de uma ética prática.* (GONSALVES, 2009, p.52)

Esta linha de vivência pode ajudar-nos a despertar o amor na educação, força maior e primordial que, naturalmente, deveria manter a relação educador-educando.

2.1.4.5. TRANSCENDÊNCIA

Transcender significa ir além. Em Biodanza, podemos entender como tocar os nossos limites e expandi-los, progressivamente. Assim como para Vygotsky que nos trouxe o conceito da zona de desenvolvimento proximal, Toro, na linha de transcendência, nos convida a tocar e ampliar nossos limites e, portanto, conhecimentos.

Esta linha é normalmente estimulada através das vivências da regressão e indução ao estado de transe. É através dela que encontramos a possibilidade de diminuir a densidade dos campos energéticos nos quais nos encontramos comumente, facilitando, assim, a harmonização com os próprios ritmos. Através dos níveis de transe propostos em aula de Biodanza e a consequente indução à regressão a estados originários torna-se possível desmanchar-se nas fronteiras que identificam corpo e psiquismo e dissolver-se em si, deixar de saber de si, somente entregar-se ao fluxo das sensações e memórias corporais.

A força presente na união entre música, movimento, grupo e consigna (direcionamento verbal dado pelo facilitador) permite que as pessoas se rendam aos impulsos e ao magnetismo da música, dos ritmos. Neste estado ocorre uma transposição de barreiras, a que existe entre as noções de tempo/espço e a da força do ego, que insiste em sua função adaptativa de mediar nossos pensamentos e ações no mundo. Toma espaço, então, o transpor-se às fronteiras físicas e materiais: o transcender.

Entrar no reino de outras dimensões, às vezes caóticas e experimentar o que quer que se apresente, é o desafio proposto por este tipo de vivência, é entrar em contato íntimo e profundo consigo mesmo. É o que promove o fortalecimento da identidade e sua ligação com a humanidade e com o universo.

Segundo Sanclair Lemos:

Se nós somos da mesma natureza que a essência de todas as coisas, somos da mesma natureza da divindade também. A vivência de transcendência é o passo evolutivo que a humanidade precisará dar, se for para sobreviver como espécie. Se a humanidade

não desenvolver a ética do afeto nas relações humanas e a compaixão, se se preocupar exclusivamente com todos os outros aspectos de seu existir, corre o risco de não sobreviver. (LEMOS, 2007, p.140)

A capacidade de transcender do educador remete às suas possibilidades de “ir além do ego”, ego este que, além de funcionar como adaptativo, também controla, dirige, manipula, e é quando tudo passa a ter que ser do seu jeito, tudo que foi planejado tem que ser cumprido, tudo gira em torno de si mesmo. E o que sai deste tipo de lógica de funcionamento é tido como um ataque contra a sua pessoa, como uma perseguição pessoal. Tem-se então aí, uma zona fértil para o surgimento de competições, de disputas “egóicas”, dos professores com a escola, entre si ou entre estes e os próprios alunos. Conseguir abrir mão da necessidade de controlar (que é sempre uma atitude confortável, protetora) é poder transcender, é “sair do próprio umbigo” e conseguir olhar o outro, em toda sua peculiaridade, inteiro.

Falando em educação nota-se clara a importância da percepção do outro, essencialmente nesta relação educador-educando. Quantos seres “outros” há em salas de aula, a serem percebidos, escutados pelos educadores? Eles se dão conta deste fato? E eles, são percebidos, escutados? Quem os escuta, os vê?

Trazemos esta questão como reflexão e apontamos a Biodanza como uma ferramenta real de iniciar movimentos em outras direções, na direção da troca afetiva, do enxergar, do cuidar, do emocionar-se com outro, com sua beleza, com seu ser.

Ao colocarmo-nos em roda, por exemplo, que é uma situação típica em Biodanza, estamos de certa forma evocando um dos símbolos mais poderosos da humanidade, do ser humano enquanto espécie. O posicionamento em círculos representa a completa totalidade, tanto no tempo quanto no espaço, proporcionando ainda mais, uma nítida percepção de identificação e semelhança com os outros participantes, do grupo de Biodanza e do grupo do mundo.

Para Toro:

“O saber com “certeza” que não somos seres isolados, mas que participamos do movimento unificante do cosmos basta para deslocar nossa escala de valores. Mas este saber com certeza não é um saber

intelectual; é um saber mais comovedor e transcendente” (TORO, Transcendência IBF, p8).

Ao criar a Biodanza e o Princípio Biocêntrico, Toro fez uma divina reverência à vida, um exemplo claro da capacidade de transcender ao domínio das vertentes sectárias do pensamento histórico-científico tradicional.

Na relação educador-educando pode facilitar a percepção de ver e sentir o mundo e o outro por diferentes ângulos, buscando novos caminhos, percebendo que a vida não tem caminhos demarcados. O caminho é o próprio caminhar. O processo de aprendizagem é o próprio aprender. Portanto, cada um tem a sua forma, dentro das suas possibilidades e à medida em que toca seus limites pode ir além, de uma maneira orgânica e progressiva.

Educar é permitir o desenvolvimento pleno de um ser humano e, sobretudo, a capacidade de ser feliz - o educador ensina a ser feliz, o educador tem que ensinar a viver, porque a educação atual ensina matérias, mas não ensina a viver.

Rolando Toro

3. EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA

Considerando que o desejo primeiro da Biodanza surgiu enquanto Toro era educador, no pátio de uma escola, conforme já citado anteriormente, e que, em 1950, ele começa a propor o conceito que chamou de Escola Universo (e mais tarde nomeará de Educação Biocêntrica), podemos dizer que a Biodanza e a Educação Biocêntrica surgiram na mesma época, em desejo e elaboração interna, e que estas propostas são permeáveis e uma se retroalimenta da outra.

Quem nos conta a história do nascimento da Educação Biocêntrica é o próprio Toro, em prefácio do livro *Educación Biocéntrica: um movimento de construcción dialógica*:

En 1950, propuse el concepto de Escuela Universo, com el objetivo de dar una visión más amplia de las relaciones del niño con la naturaleza. Em 1970, la llamé Educación Holística, influído por la visión del mundo como Holograma. Posteriormente, la llamé Educación Salvaje, apelando a la importância de los instintos como fuerzas innatas de supervivência y evolución.

En un dialogo com Ruth Cavalcante, ella me propuso el nombre de Educación Biocéntrica, teoricamente más coerente com el Principio Biocéntrico. Esta designación me pareció a-propiada. (CAVALCANTE, 2004, prefácio)

Na tese em que apresentou em ocasião da formação enquanto professor primário, Toro já havia começado a desenvolver uma análise sobre as crianças e adolescentes chilenos, que levantava alguns pontos, tais como: a dilapidação dos potenciais criativos da infância e

a possibilidade da criação de um método para desenvolvimento integrado desses potenciais.

Portanto, ousamos dizer que para tornar-se um educador Biocêntrico é preciso praticar Biodanza já que esta é a estratégia metodológica deste caminho, visto que o Princípio Biocêntrico é o mesmo que norteia as duas propostas.

É válido ressaltar que, no presente trabalho, nos detemos à educação formal em escolas. Como já vimos anteriormente, a educação pode ocorrer em todas as instâncias da sociedade. Neste caso, porém, nosso foco é falar ao educador das escolas, aquele que lida diariamente com a sistematização do ensino.

Um educador que deseja tornar-se biocêntrico precisa ter disposição interior, desejo de desenvolver-se como pessoa e disponibilidade para acessar sua capacidade de vincular-se afetivamente consigo, com os alunos e com o meio que o cerca. Despertar para o que está em si, para o que já é. Pois vínculo é algo que já pré existe em nós. É preciso acessá-lo. Neste caminho, a Biodanza atua.

Rubem Alves nos dizia muito bem em seu livro **Conversas com quem gosta de ensinar**, onde discorre de forma poética e sábia sobre a diferença entre professores e educadores, tema que trataremos mais adiante:

Diz-nos Freud que a questão decisiva não é a compreensão intelectual, mas um ato de amor. São os atos de amor que se encontram nos momentos fundadores dos mundos, momentos em que se encontram os revolucionários, os poetas, os profetas, os videntes. É depois, quando se esvai o ímpeto criador, quando as águas correntes se transformam primeiro em lagoas, depois em charcos, que se estabelecem a gerência, a administração, a burocracia, a rotina, a racionalização, a racionalidade.

A questão não é gerenciar o educador. É necessário acordá-lo. E, para acordá-lo, uma experiência de amor é necessária. (ALVES, 1993, p.19)

Acreditamos que Toro concordaria com Alves, mas no lugar de experiência de amor convidaria os educadores adormecidos em cada professor a ter uma vivência de amor, dentro das condições possíveis a cada realidade escolar e não da condição ideal que, em muitos casos, se espera nas escolas. A partir da vivência do que é concreto, as possibilidades de estar na presença do outro da maneira possível torna-se real.

Toro deixou como semente em solo fértil a proposta filosófica e pedagógica da Educação Biocêntrica. E sobre isso nos dizia:

Considero que o papel da educação se inicia pela realização de vivências biocêntricas que cultivem a afetividade. Cabe à escola criar momentos especiais, onde as crianças e os jovens possam aprender, não apenas conteúdos, mas, sobretudo a viver!
(GONSALVES, 2009, P.11)

E continua:

Acredito que a educação, inspirada pelo Princípio Biocêntrico, tem uma força revolucionária e pode ensinar a mais subversiva de todas as disciplinas: aquela que se baseia no respeito à vida, na alegria de viver, no direito ao amor e ao contato. (GONSALVES, 2009, p.11)

Em seus escritos sobre educação fica implícito o quanto o educador é instrumento para que a educação centrada na vida e no encontro aconteça.

Ele nos deixa a proposta, uma teoria semiaberta, como o modelo teórico do sistema Biodanza. Uma teoria em construção. Uma possibilidade de colocar movimento na educação, movimento pleno de sentido, personificado no educador que, de agente do processo passa a ser vivente em comunhão e parceria com seus alunos.

Junto com Rolando, Ruth Cavalcante, César Wagner da Universidade Biocêntrica, no Ceará e Elisa Gonsalves, da Escola de Formação em Educação Biocêntrica na

Universidade Federal da Paraíba participam ativamente do processo de construção do método da Educação Biocêntrica, os quais apresentaremos a seguir, em linhas gerais.

3.1.MÉTODO INTEGRATIVO – DIALÓGICO- BIOCÊNTRICO

Segundo Ruth Cavalcante, em aula dada no curso de formação para educadores biocêntricos (2014/15) a década de 60, momento em que surge a Educação Biocêntrica e a Biodanza, pode ser considerada uma década de grandes sábios. Dentre eles, destaca ela Rolando Toro.

Ruth Cavalcante e Cezar Wagner estiveram com Toro na concepção da idéia de uma educação biocêntrica, desde então, vêm construindo este pensar, esta teoria. Partilharam muitos momentos e contribuíram significativamente para a sistematização deste método, principalmente no campo social. Naquele campo em que todos são educadores, de uma educação permanente que ocorre em todo lugar e em qualquer instância da sociedade. Uma educação popular.

Elaboram então o método Integrativo-Dialógico-Biocêntrico. Uma proposta transdisciplinar que integra os seguintes eixos:

Vivência (Toro) – Diálogo (Freire) – Reflexão (Morin) – Ação (os três autores)

Nas palavras de Góis e Cavalcante:

Nossa práxis educativa em Educação Biocêntrica foi se tornando cada vez mais clara à medida que problematizávamos o nosso agir. (...) Sem diminuir a importância de vários estudiosos e pensadores da educação, consideramos que a Educação Biocêntrica se enraíza no Paradigma Biocêntrico e em três importantes contribuições epistemológicas, teóricas e metodológicas que tratam do ser humano, do social, do cultural, da natureza e da vida: Rolando Toro e o Sistema Biodanza, Paulo Freire e a Educação Dialógica e Edgar

Morin e o Pensamento Complexo. (GÓIS e CAVALCANTE, 2014, p.3)

No Método Integrativo-Dialógico-Biocêntrico, a Biodanza se constitui como método ao facilitar a vivência biocêntrica que leva ao despertar progressivo de potencialidades inerentes à vida e ao ser humano e pode resultar na Vivência Pedagógica.

Para que a Vivência Pedagógica aconteça é preciso criar um ambiente de aprendizagem e desenvolvimento, lembrando que nesta vertente todo o espaço social é espaço de desenvolvimento. Este precisa ser acolhedor, simples e aconchegante. É importante que haja um local para meditação e interiorização, uma espécie de local sagrado que remeta à sacralidade da vida.

Para facilitar uma Vivência Pedagógica, numa instituição, numa secretaria, em um município ou em qualquer outro âmbito social, vários elementos que proporcionem aprendizagem e desenvolvimento podem ser utilizados, tais como: a Biodanza, o Círculo de Cultura, a Visualização Criativa, A Arte-Identidade, Meditação, caminhadas ecológicas, práticas energéticas, rituais de vínculos, jogos cooperativos e massagem terapêutica.

No entanto, como bem diz Cavalcante e Góis:

O(a) facilitador(a)/educador(a) precisa ficar atento(a) à utilização desses elementos, pois, se os utiliza apenas como técnica, perde a essência da aprendizagem e não alcança o desenvolvimento humano do participante/aluno(a). (GÓIS e CAVALCANTE, 2015, p.22)

E continuam:

O caminho proposto pela Educação Biocêntrica é pautado na ética, na solidariedade e na vinculação. Por isso não fomenta a disputa individual, nem a competição e não avalia o outro. Trabalha na zona do sagrado. (GÓIS e CAVALCANTE, 2015, p.22)

Cada encontro é cuidado. Neles acontecem acordos cronológicos e existenciais onde os participantes juntos decidem e compartilham as atividades do dia. Nos Círculos de Cultura, proposta trazida por Freire, que pode ser utilizado nas suas diferentes versões e adaptações, propicia a troca de saberes ou o que chamam também de temas geradores. Após o período em que as idéias circulam, com o fechamento do Círculo é feita uma síntese e nunca uma conclusão sobre o assunto ou questão apresentada.

Os Círculos de Cultura propostos por Freire são utilizados, alguns na íntegra e outros foram recriados de acordo com a proposta Biocêntrica.

Neste método, a Biodanza aparece em forma de algumas vivências integradoras e como base epistemológica do método, mas não como um processo propriamente dito, onde o educador e os demais envolvidos participem de um grupo semanal regular.

Para finalizar esta breve exposição deste método em construção, por ser semiaberto, podemos perceber os inúmeros conceitos trazidos por Toro e presentes no Sistema Biodanza, desde algumas categorias básicas da Educação Biocêntrica, o princípio filosófico norteador, o método vivencial assim como o resgate dos vínculos.

3.2.VIVÊNCIA PEDAGÓGICA BIOCÊNTRICA

Segundo Elisa Gonsalves, diretora da Escola de Formação em Educação Biocêntrica que, nas palavras de Toro, *é única instituição da IBF no mundo que tem como objetivo formar educadores para implementar práticas e vivências de Educação Biocêntrica em escolas e instituições educativas voltadas para crianças e adolescentes* (TORO, prefácio do livro Educação Biocêntrica: o presente de Rolando Toro para o Pensamento Pedagógico, 2009, p.12), a Educação Biocêntrica é norteada pelo Princípio Biocêntrico e metodologicamente utiliza-se da Biodanza como uma possibilidade de mediação entre a educação tradicional e a proposta biocêntrica. Desta maneira, tem por objetivo incorporar os novos conteúdos programáticos à prática e à metodologia.

Os conteúdos a serem incorporados são, nas palavras de Gonsalves:

Os conteúdos são: expressão da identidade (potenciais genéticos), renovação orgânica, harmonização do

inconsciente vital, afetividade integrada, criatividade, inovação existencial e artística, expansão da consciência (ética), percepção da unidade cósmica, desenvolvimento da inteligência afetiva e da razão crítica, prazer de viver. (GONSALVES, 2009, p.27)

A partir dessa perspectiva biocêntrica e da incorporação dos conteúdos vinculativos (citados logo acima), os caminhos na prática escolar são diversos. Os alunos passam a construir, descobrir, transformar e ampliar seus próprios conhecimentos, trazendo para si o processo de aprendizagem. Os educadores criam situações de aprendizado e facilitam a expressão e o desenvolvimento dos potenciais genéticos de seus alunos, potencializando a saúde, suas aptidões e talentos. Educandos e educadores fazem um trabalho de parceria, realizando juntos o que Gonsalves chama de processo educativo, pessoal e empático. Não há possibilidade de aprendizado em Educação Biocêntrica sem a interação entre as pessoas, educadores e educandos. Para isso é indispensável que os educadores sejam capazes de estabelecer relações saudáveis, positivas e amorosas com seus alunos. Sobre isso, há muito, já nos dizia Alves, discorrendo sobre a diferença entre professores e educadores, que cabe neste caminho da Educação Biocêntrica:

Eu diria que os educadores são como velhas árvores. Possuem uma face, um nome, uma “estória” a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma “entidade” sui generis, portador de um nome, também de uma “estória”, sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a educação é algo para acontecer nesse espaço invisível e denso, que se estabelece a dois. Espaço artesanal.

Mas professores são habitantes de um mundo diferente, onde o “educador” pouco importa, pois o que interessa é um “crédito” cultural que o aluno adquire numa disciplina identificada por uma sigla, sendo que, para fins institucionais nenhuma diferença faz aquele que a ministra. Por isso mesmo professores são “entidades” descartáveis, da mesma forma

como há canetas descartáveis, coadores de café descartáveis, copinhos plásticos descartáveis. De *educadores* para *professores* realizamos um salto de pessoa para funções. (ALVES, 1993, p.19)

Portanto, neste método a entrega do educador é fundamental - uma possibilidade de rever a si mesmo, de acessar os seus potenciais genéticos e encarnar as condições de vínculos afetivos.

Gonsalves organiza o método da Educação Biocêntrica nas escolas e instituições de ensino voltadas a crianças e adolescentes como a Vivência Pedagógica Biocêntrica.

Facilitar uma Vivência Pedagógica Biocêntrica não é “dar” ou “assistir” a uma aula. Ela tem como eixo central a expressão da afetividade e a vivência de experiências pedagógicas capazes de vincular as pessoas. Facilitar uma Vivência Pedagógica Biocêntrica é, portanto, vivenciar um encontro através do qual as atividades escolares são saboreadas alegremente.

Segundo Gonsalves:

Sentir-se parte integrante de um ecossistema que precisa ser cuidado: este é o tema central da vivência pedagógica centrada na afetividade. (GONSALVES, 2011, P.3)

Ao educador cabe oferecer ao aluno um ambiente acolhedor e a possibilidade de aprender em sua corporeidade. A informação deixa de ser a matéria principal dando lugar a criação de momentos onde o aluno possa, na escola, aprender vivencialmente, para posteriormente elaborar cognitivamente.

Vivência Pedagógica Biocêntrica, como método de aplicação da Educação Biocêntrica, é composta por alguns momentos e conceitos específicos. São eles:

1. Acolhimento

Por definição, acolher significa receber, incluir. É uma atitude de relação com o outro para que a sintonia do grupo seja estabelecida. É o momento em que os alunos chegam à escola, com suas vivências externas àquele ambiente.

Uma atitude de acolhimento na sala de aula não requer do educador estratégias mirabolantes, discursos vazios ou o cumprimento de normas. Basta abrir-se ao encontro afetivo, olhando primeiro para dentro de si e perguntando: como eu gostaria de ser recebido? A partir daí, pode pensar numa atitude de acolhimento: um beijo, um abraço, uma conversa, uma roda, uma música, entre outras inúmeras possibilidades.

Esta fase, na Vivência Pedagógica Biocêntrica, é um dos momentos mais importantes da expressão da identidade para o aluno, um momento dedicado para as trocas de experiências e de saberes, onde cada um fala de si.

2. Conteúdos vinculativos

Conteúdos são informações, conhecimentos que são considerados essenciais para o desenvolvimento pleno do aluno. No campo da educação existem algumas classificações de conhecimento. Gonsalves toma por base a classificação de César Cool que divide os conteúdos em conceituais e procedimentais e ela avança, na construção biocêntrica, para os conteúdos vinculativos.

Para os conceituais é necessário aprender as informações da área que se estuda fazendo articulações com outras informações. Os procedimentais expressam um saber fazer, uma tomada de decisão para realizar uma ação, a elaboração de uma estratégia para alcançar uma meta.

Para Gonsalves:

Os conteúdos conceituais e procedimentais não contemplam o que é próprio da Educação Biocêntrica. Isso não significa que a perspectiva biocêntrica não considere importantes conteúdos de conhecimento, procedimento ou atitude. O conteúdo priorizado no ensino biocêntrico é o vinculativo.(GONSALVES, 2011, P.9)

Portanto:

Os conteúdos conceituais e procedimentais devem estar subordinados aos conteúdos vinculativos, pois o vínculo é o objetivo principal da educação, é o que orienta a filosofia da escola. (GONSALVES, 2011, P.10)

3. Protagonismo

Chamada de “cerimônia da criança/jovem protagonista”, esta fase corresponde à celebração da vida dos alunos. Mensalmente são celebrados os aniversariantes do mês, com o objetivo de *destacar aquelas crianças através da afirmação de sua própria identidade* (GONSALVES, 2011, P.11).

Além disso, na visão biocêntrica é estimulado o protagonismo do aluno em todas as atividades. Como fundamentos do protagonismo, Gonsalves destaca o aluno como parte da solução e não do problema, parceiro e interlocutor da equipe de educadores, fonte de iniciativa, liberdade e compromisso, portador de autenticidade.

4. Criatividade

A criatividade, como já vimos, é uma das linhas de vivência em Biodanza. Para Gonsalves, no método da Educação Biocêntrica, desenvolver o potencial genético da criatividade pode gerar impactos tanto internamente quanto no ambiente escolar.

Na vida pessoal do aluno e do educador, estimular atividades nesta linha pode favorecer a expressão de impulsos criadores naturais, a criação como uma extensão do projeto de vida, a expressão das emoções, as criações artísticas mais diversas, a renovação existencial, a reorganização do estilo de vida baseando-se em escolhas mais saudáveis e felizes.

No âmbito escolar os impactos podem ser a manifestação de novas idéias, a elaboração de soluções inovadoras e criativas, o despertar de agentes de mudança, a demonstração da capacidade de criar, a realização de novos tipos de atividades, maior eficácia na execução de estratégias.

5. Aprendizagem baseada em resolução de situações- problema.

Estabelecendo um elo entre os conteúdos vinculativos e o protagonismo e permitindo que estes se articulem com os conteúdos conceituais e procedimentais, Gonsalves aponta a ABP (Aprendizagem Baseada em Problemas) como uma possibilidade.

Esta abordagem já é muito utilizada em algumas universidades do Brasil e do mundo.

Gonsalves explica:

A perspectiva da ABP desloca o aluno para o núcleo do processo educativo, dando a ele autonomia e responsabilidade pela própria aprendizagem, através da identificação e análise de problemas, da capacidade de elaborar perguntas e respondê-las para, em seguida, buscar novas questões e novos processos de aprendizagem e problematização da realidade. (GONSALVES, 2011, P. 18)

E continua:

Uma situação-problema comporta a ideia de novidade, de algo que se lida cotidianamente e que não foi compreendido e resolvido. Isso significa que, para que uma atividade seja considerada problema, os alunos não devem contar com todas as informações necessárias para a resolução de forma explícita. (GONSALVES, 2011, P. 19)

Neste tipo de metodologia os alunos formam grupos de 8 a 10 participantes e um tutor, que geralmente é um educador, que intervêm o mínimo possível, coordenando, se necessário, e facilitando o processo para que o grupo atinja os objetivos de aprendizado de acordo com a solicitação do currículo. Os demais integrantes têm outras funções que passam de relatores, coordenadores ou membros do grupo, com funções específicas.

Não entraremos em maiores detalhes neste momento pois o conteúdo é parte específica do curso de formação para Educadores Biocêntricos, ministrado pela Escola de Educação Biocêntrica.

No desenvolvimento da ABP existem algumas etapas onde os alunos observam realidade social, levantam os pontos chaves da questão apresentada, teorizam sobre a mesma, indicam possíveis soluções e maneiras de aplicá-las à realidade.

6. Educação Musical e Biodanza

Na proposta da Vivência Pedagógica Biocêntrica, a educação musical passa pelo viés de desenvolver a sensibilidade de cada um, tornando-os mais perceptivos à importância da música. Neste aspecto a Biodanza pode integrar a educação musical.

Na escola que escolhe este método as aulas de Biodanza acontecem regularmente, uma vez por semana. Cada turma é um grupo de Biodanza. As aulas são ministradas por facilitadores de Biodanza. São elaboradas cuidadosamente.

Os profissionais da escola também praticam Biodanza semanalmente, em grupo regular na própria escola, ou fora dela.

O maior objetivo das vivências propostas deve ser a integração corporal, a autorregulação, a conexão consigo mesmo, com o outro e com a totalidade.

Neste ponto, Gonsalves é enfática e concordamos com ela quando diz que *não existe Educação Biocêntrica sem Biodanza*. (GONSALVES, 2009, P. 96)

A Biodanza atua como uma importante ferramenta para a reestruturação da afetividade e estimula a vida que há na escola e em todos os seus integrantes. Funciona com um portal de acesso a uma possibilidade de vida não dissociada.

Finalizamos este capítulo com uma fala de Gonsalves, deveras pertinente:

A Educação Biocêntrica requer mudanças interiores dos sujeitos que a realizam. A Biodanza é o elemento fundante desse processo. (GONSALVES, 2009, P. 197)

Se o professor se coloca como pessoa, mais do que como um simples repetidor de enunciados, fórmulas, teorias, sua ação se personaliza e seu relacionamento com o aluno se intensifica.

Marlise Motta

4. CONCLUSÃO

Acreditamos que a Biodanza é a ferramenta fundamental no caminho de construir-se um educador Biocêntrico visto que é a estratégia metodológica da Educação Biocêntrica. Ao estimular o desenvolvimento dos potenciais genéticos, a Biodanza estimula a vida que existe na escola, em cada uma das pessoas que a compõe, inclusive e principalmente de cada educador.

Sabemos que comumente os educadores encontram em seu ambiente de trabalho barreiras e dificuldades para exercerem suas atividades... ”Matam um leão por dia”, enfrentam trânsito intenso, desgastam-se com programas de estudo, se debruçam sobre livros, constroem programas de aula, passam horas em reuniões e conselhos, e acreditam veementemente que estão fazendo o melhor que podem, dando o melhor de si, e estão... Porém, quando se é levado somente pelas forças externas, por pressões cotidianas e imposições administrativas, e passa-se a carregar um fardo nas costas, quando a rotina pesa sobre os ombros, quando se perde a força, ou quando a vida vira sobrevivência, é tempo de parar. Aqui queremos propor certa parada, um pouco de silêncio.

É preciso dizer “sim” às dificuldades, às diferenças, à transposição dos impasses e até ao sofrimento quando for o caso. Encará-los. É necessária a mesma qualidade de força também, para não se subjugar à repressão e às ideologias que negam a vida. Dizer “não” a tudo isso é poder dizer “sim” à sua potência vital e criadora.

Como já dito anteriormente, é poder criar novas formas de estar no mundo. Quando a Biodanza facilita a reconexão instintiva e afetiva consigo e com a vida, quando permite o desabrochar da criança que há em cada um e a manifestação de seus potenciais genéticos, está atuando significativamente para o que queremos chamar aqui “da transformação de lagarta à borboleta”, na construção do educador a partir do ser que se é. Proporcionando ainda o que pode vir a ser.

Além disso, ressaltamos que em nosso entendimento, Biodanza e Educação Biocêntrica se retroalimentam, pois são teorias criadas possivelmente na mesma época, norteadas pelo mesmo princípio, o que podemos perceber na carta de Toro a Pilar.

Nossas perguntas continuam sendo as mesmas de anos atrás. Para estas perguntas, elementares, as respostas mais simples são as mais assertivas, e que, de fato promovem um movimento de mudança. No entanto, ainda nos paralisamos e buscamos encontrar no sistema, na falta de situação ideal, no aluno, na escola e nas teorias as respostas e a responsabilidade da crise atual.

Esquecemos que um caminho de retorno, de interiorização, de autoconhecimento pode ser, talvez, a única possibilidade de provocar uma revolução de fato na educação.

Retomar a si mesmo, vinculando-se afetivamente, requer uma disposição interior, um mergulho em si mesmo e o resgate de seus potenciais esquecidos. É preciso acessá-los. Somente assim será possível facilitar o processo de aprendizado dos alunos.

Para ir além e responder ao cerne das questões simples é necessário a integração do educador. E o movimento pleno de sentido. Caso contrário, vira ideal e ideologia.

No caso da Biodanza a integração se dá a partir da vivência, portanto somente um método vivencial é capaz de transformar o que há muitos anos vem sendo dito.

Educar vai muito além da transmissão de conteúdos. Educar é transcender o lugar do professor e despertar o lugar do educador, inerente aos seres humanos.

A Biodanza é um processo pedagógico e terapêutico. Com certeza, não é o único caminho possível de autoconhecimento, de transformação pessoal mas no caso da construção de um educador biocêntrico não vemos outra possibilidade.

Como inspiração, uma fala de Nietzsche:

Mas tu, Zaratustra, que querias ver todas as razões e o fundo das coisas, precisas passar por cima de ti mesmo, e ascender, ascender até as tuas próprias estrelas ficarem abaixo de ti!

Sim! Ver-me a mim próprio, e até as minhas estrelas, olhando para baixo! Só isso chamo o meu cume; é esse último cume que me falta escalar! (Nietzsche, 2005, P.122)

Fica aqui nosso convite aos educadores. Um convite ao resgate do prazer de viver, um convite a uma educação mais afetiva e humana. Um convite à Biodanza, este caminho que resgata o que há de mais sagrado em todo o mundo e em cada um de nós: a vida!

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. Conversas com quem gosta de ensinar. Papirus. Rio de Janeiro, 2004
- _____ A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir. Papirus. Rio de Janeiro, 2008.
- BARRENECHEA, Miguel. Fidelidade à terra. Arte, Natureza e política. Assim falou Nietzsche IV. Rio de Janeiro : DP&A, 2002 (Orgs)
- _____ Nietzsche e os gregos. Arte, Memória e Educação. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.
- CAVALCANTE, Ruth. Educación Biocéntrica – Um movimiento de construcción dialógica. Fortaleza: CDH, 2004.
- CAVALCANTE, Ruth. Apostila do curso de formação em Educação Biocêntrica. Rio de Janeiro, 2014
- FONTES, Ivanise, Psicanálise do Sensível, fundamentos e clínica, Idéias & Letras, 2010, ISBN 978-85-7698-072-8
- FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido – saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- GADOTTI, Moacir. Pensamento Pedagógico Brasileiro. São Paulo: Ática, 2006
- GONSALVES, Elisa. Educação Biocêntrica: o presente de Rolando Toro para o Pensamento Pedagógico. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2008
- _____, Apostila do curso de Educação Biocêntrica . Rio de Janeiro. 2011
- _____, FORASTIERE, Roberta e LIMA, Sinfrônio (Orgs). Trajetórias Entrelaçadas – Coleção Poéticas da Vida vol 2. GEPEBio. 2007
- MOTTA, Marlise. Identidade e realização: o professor e o ator, tese de mestrado em educação, UFF, 1977.
- NIETZSCHE, Friedrich, Genealogia da Moral. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____ Crepúsculo dos ídolos. Rio de Janeiro : Relume-Dumará, 2000.
- _____ Ecce Hommo – Como alguém se torna o que é. São Paulo: Companhia das Letras, 2007
- _____ Assim Falou Zaratustra, Martin Claret, 2005
- _____ A Gaia Ciência, Martin Claret, 2004
- _____ Escritos sobre educação. Puc- Rio. 2007
- SANTOS, Boaventura S. Um discurso sobre as ciências . São Paulo: Cortez, 1987

TEIXEIRA, Otton da S.F, A Biodanza como Afirmação da Vida, monografia, IBF – Associação Escola de Biodanza Rolando Toro do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008

TORO, Rolando. Biodanza . São Paulo : Olovobrás, 2002

_____ Apostilas do curso de formação para facilitadores de Biodanza. Rio de Janeiro. 2008.

TORO, Rodrigo.Rolando Toro – Orígenes de Biodanza . Ediciones Corriente Alterna. Chile. 2012